



atos

do conselho superior

ano LXIII — janeiro-março, 1982

n. 303 ✓

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do conselho superior
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 303

ano LXIII

janeiro-março de 1982

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Egídio VIGANÓ Reprojtemos juntos a santidade	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. João E. VECCHI Escola salesiana	31
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	(não há neste número)	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR	4.1 Crônica do Reitor-Mor 4.2 O Vigário do Reitor-Mor 4.3 Atividades dos Conselheiros	40 40 40
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Reitor-Mor: Trabalho e Temperança (Lembrança para 1982) 5.2 Reitor-Mor: A espiritualidade do animador 5.3 Expedição missionária 5.4 Editores salesianos: seminário internacional 5.5 Editores salesianos: comissão técnica 5.6 Solidariedade fraterna (38.ª relação) 5.7 Ex-alunos: Eurobosco 81 5.8 Nomeações 5.9 Irmãos falecidos	50 55 68 69 70 71 72 74 75

1. CARTA DO REITOR-MOR

P. Egdio VIGANÓ

"Reprojetemos Juntos a Santidade"

"Reprojetemos Juntos a Santidade". — Diálogo com as Inspetorias. — Uma verificação positiva. — Constatções de limites e carências. — O problema de fundo. — O dom mais precioso para os jovens: a nossa santidade. — Encontro quotidiano com Cristo. — Empenho ascético. — O estilo de Dom Bosco. — Conclusão.

Roma, 12 de dezembro de 1981

Queridos irmãos,

hoje, festa de Nossa Senhora de Guadalupe, o Capítulo Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, que está chegando ao fim de suas importantes tarefas, foi recebido em audiência pelo Santo Padre. O encontro foi precedido de uma solene celebração da Eucaristia, na Basílica de São Pedro, e assumiu um grande significado eclesial. Rezamos pelo novo Conselho Superior das Filhas de Maria Auxiliadora, pelo crescimento da mútua comunhão na Família Salesiana e por uma sempre mais corajosa e atual capacidade de evangelização da juventude.

Enquanto nossas irmãs estão a intensificar os trabalhos para a redação final das Constituições, pensamos no nosso próximo Capítulo Geral 22, que terá o mesmo tema de trabalho. Para garantir uma preparação adequada de um Capítulo tão importante, nomeei desde já, segundo o art. 100 dos Regulamentos, seu "Regulador": P. JOÃO VECCHI, o atual Conselheiro para a Pastoral Juvenil. Ajudem-lo com as nossas orações e com a nossa colaboração.

Diálogo com as Inspetorias

Com a última visita às Inspetorias do Extremo Oriente, em Hong Kong, terminamos,

4 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

em outubro passado, as chamadas “Visitas conjuntas”.

Detenho-me um pouco neste argumento, para que a ninguém escape a importância dessa nova forma de “presença do Conselho Superior” nas várias partes da Congregação, que agora se tornou praxe obrigatória dos Institutos religiosos no contexto atual de unidade na descentralização e vice-versa. Será uma reflexão prática, oferecida a todos, para que nos abramos à visão universal da nossa Congregação, hoje, e lhe tomemos, de alguma maneira, o pulso no lado positivo e no lado negativo. A reflexão oferecer-nos-á uma plataforma realista para posteriores reflexões sobre a urgência da santidade.

Toda “Visita conjunta” tem sido um diálogo de revisão e planejamento da nossa vida salesiana, centrado nas orientações do último Capítulo Geral 21. O diálogo desenvolveu-se entre um grupo de Inspetores com os seus Conselheiros inspetoriais, de um lado, e o Reitor-Mor com os Conselheiros de dicastério e o correspondente Regional de outro. O material para o encontro foi preparado por cada Inspeção e, depois, organizado e sintetizado nos vários grupos, de acordo com o Conselheiro Regional.

Fizemos dez “Visitas conjuntas”.

Duas na Ásia, a primeira e a última:

— em Calcutá, para as Inspetorias indianas (outubro de 1979);

— e em Hong Kong, para as Inspetorias e Delegações do Extremo Oriente (outubro de 1981).

Seis na Europa:

— para as três Inspetorias de língua alemã, em Benediktbeuern, na Alemanha (janeiro de 1980);

— para as duas Inspetorias de língua neerlandesa, em Bruxelas, Bélgica (fevereiro de 1980);

— para as várias Inspetorias do Leste europeu, em Lodz, Polônia (abril de 1980);

— para as três Inspetorias de língua francesa, em Farnières, Bélgica (agosto de 1980);

— para as Inspetorias da Itália e do Oriente Médio, em Pacognano, Nápoles (janeiro de 1981);

— para as Inspetorias da região ibérica, em Barcelona, Espanha (julho de 1981).

Duas nas Américas:

— para as Inspetorias da região ocidental de língua inglesa, em Malibu, na Califórnia, E.U.A. (setembro de 1980);

— para as numerosas Inspetorias da América Latina, em San Miguel, Buenos Aires (abril de 1981).

Os temas centrais em torno dos quais girou o diálogo eram os fundamentais do Capítulo Geral 21:

— a comunidade salesiana evangelizada, em alguns dos aspectos fundamentais da nossa Vida religiosa;

— a formação de todos os irmãos;

— o projeto educativo e a fecundidade vocacional;

— as Missões, sobretudo na África;

— a Família Salesiana, com a preocupação especial de um maior envolvimento de leigos comprometidos.

Foi preciso multiplicar esses encontros, dividindo-os por grupos de certa homogeneidade cultural e eclesial. As Inspetorias estão

objetivamente inseridas em variadas e diversas situações-tipo. Assim, as da Europa ocidental respiram mais intensamente o clima de um processo de secularização que, na sociedade, se traduz de fato em atitudes de perigoso secularismo.

As Inspetorias do Leste europeu, ao invés, estão inseridas em sociedades de estruturação marxista, com uma problemática marcada por forte mutilação apostólica, sobretudo na pastoral juvenil.

As Inspetorias do mundo anglo-saxão atual devem trabalhar em sociedades caracterizadas por um realismo pragmático que nem sempre ajuda a procurar as profundas motivações das mudanças conciliares.

As Inspetorias da América Latina movem-se com uma forte dinâmica de adequação pastoral querida pelos Pastores em Medellín e em Puebla; aqui e ali, em diferentes países, percebem-se possibilidades de influências ambíguas, com acentos temporalistas na direção de um ou de outro extremo.

As Inspetorias da Ásia percebem com particular agudeza os delicados problemas da inculturação.

Na África, a Congregação vive uma hora de sementeira, com exigências e dificuldades próprias.

Conseqüentemente, houve, no diálogo, diversos estilos e acentos diferentes.

Uma verificação positiva

No sexênio anterior, o Capítulo Geral Especial havia programado um diálogo de revisão por continentes: quatro grandes reuniões. A nova modalidade, embora exija maiores sacrifícios pelo número dos encontros, mostrou-se

mais ágil e mais concreta. O juízo global sobre os seus resultados é substancialmente positivo. Constataram-se também defeitos e carências. De toda a maneira, o próprio fato da realização de tais encontros foi construtivo e portador de maior comunhão, de mais clara consciência e melhores propósitos de empenho.

Entre os aspectos mais positivos, queria sublinhar alguns que podem servir para fortalecer nossa crescente esperança.

Primeiro, a consciência de unidade fortemente sentida em todas as Visitas conjuntas: o amor a Dom Bosco, a convergência sobre os valores de identidade, a adesão aos últimos Capítulos Gerais, a solidariedade e viva comunhão com o Reitor-Mor e com o Conselho Superior, o ambiente de verdadeira e intensa fraternidade, a liberdade, a clareza, o respeito com que foi possível enfrentar os problemas. Criou-se um mais sensível e imediato relacionamento religioso de amizade e co-responsabilidade, ao passo que os Inspetores e seus Conselheiros puderam perceber melhor as dimensões da Congregação e sua responsabilidade salesiana no exercício do seu papel local. Cada bloco de conteúdos e o conjunto deles pôs em destaque aspectos importantes da nossa vocação. Afirmaram-se, em poucos dias, grandes pontos de compromisso e de síntese.

Depois, um renovado sentido inspetorial, ainda que em alguns casos um tanto incipiente.

O clima geral de esperança e a vontade de empenho concretizada em conclusões práticas.

A visão panorâmica e realista, por parte do Reitor-Mor com o seu Conselho, da vida e da missão salesiana no mundo.

A oportunidade para melhor programação de animação adequada à realidade mais bem conhecida.

Uma acrescida sensibilidade perante as exigências evangélicas da vida religiosa e perante o patrimônio pastoral-pedagógico do Sistema Preventivo.

Mostrou-se mais sentida a inserção na Igreja local, como comunhão de convergência concreta de todas as forças que trabalham na evangelização dos jovens de hoje, recuperando assim também o sentido da nossa colocação pastoral específica: percebeu-se melhor a idéia do Projeto Salesiano, como síntese de diversos aspectos da nossa vida e da nossa ação, como afirmação da finalidade pastoral da totalidade, e como ponto de fusão entre inspiração-tradição e novas exigências dos tempos.

Houve também algumas propostas significativas de um ulterior compromisso, como o aprofundamento de uma espiritualidade peculiar para os nossos jovens; pois o surgir de grupos e movimentos exige uma comum inspiração de fundo no espírito de Dom Bosco.

O tema da Família Salesiana fez-nos entrar decididamente num novo esquema de ação, no qual a comunidade salesiana quer-se apresentar como centro de animação e maior comunhão, e como quadro vivo de referência para numerosas forças leigas.

No tema de fundo da Vida religiosa, aprofundou-se o importante significado da nossa vida comunitária e o aspecto de animação nos serviços da autoridade, insistindo particularmente na recuperação da verdadeira figura salesiana do Diretor e também do Inspetor com o seu Conselho.

O urgente e delicado aspecto da formação fez exigir e depois (nos encontros que se seguiram à promulgação da "Ratio") assumir os grandes princípios, orientações e normas do documento sobre a "Formação dos Salesianos de Dom Bosco", solicitado pelo Capítulo Geral 21.

O tema das Missões e a informação sobre o Projeto-África despertou e robusteceu o compromisso salesiano nesta nossa indispensável fronteira, esclarecendo e confirmando não poucas iniciativas, generosas e concretas, de muitas Inspetorias.

Formularam-se, também, em cada Visita, conclusões práticas, que se acham em curso de realização, melhorando o impulso de crescimento nas Inspetorias.

De coração agradecemos ao Senhor todo esse bem.

Constatações de limites e carências

Encontramos defeitos também.

Algumas "Visitas conjuntas" estavam menos preparadas que outras. Em alguns casos houve mais receptividade que participação ativa; em outros, mais capacidade de análise e de agudo enfoque de problemas do que de busca de soluções, pelo menos iniciais, e de conclusões práticas. Sem dúvida é preciso levar em consideração que era a primeira vez que se realizava este gênero de diálogo, faltando, por isso, os enriquecimentos da experiência.

Numa revisão global dessas Visitas feita pelo Conselho Superior, considera-se importante rever o modo de elaborar mais cuidadosamente (e os vários Conselheiros "juntos") os objetivos e os pontos a serem aprofundados, harmonizando melhor a participação dos diversos dicastérios. Percebeu-se também a necessidade de estabelecer melhor a função, no caso, dos respectivos Conselheiros Regionais, sobretudo na preparação dos encontros e na especificação das conclusões práticas. Deseja-se que o Conselho Superior esclareça melhor, e em tempo, o alcance e a finalidade específica de cada um dos encontros, para depois concentrar a atenção e o trabalho sobre poucos pontos estraté-

gicos de compromisso, deixando outros aspectos que mais interessam a uma informação do que a um diálogo de revisão.

A variedade das situações e a diferente conformação das Regiões nem sempre permitiram uma participação homogênea: em alguns encontros entrevistaram todos os Conselheiros inspetoriais (como era desejável), em outros somente um ou dois Delegados, empobrecendo, de alguma maneira, o diálogo e a possibilidade de comunicação e, posteriormente, de atuação.

Nas Inspetorias trabalha-se muito, mas percebe-se, aqui e ali, uma divisão não racional dos compromissos, sinal por vezes de um resíduo de individualismo apostólico e, em geral, de uma programação carente por parte dos Conselhos inspetoriais e das comunidades locais.

A certo pragmatismo no trabalho e à falta de programação comunitária, deve atribuir-se também um perigoso descuido da vida espiritual, da atualização pastoral, da formação permanente, que em algumas Inspetorias não são como deveriam ser. Creio ser este um dos motivos pelo qual tem sido um tanto lenta a assimilação dos documentos e das orientações eclesiais e salesianas. A falta de aprofundamento da nossa Profissão religiosa encontra-se na base de um grave perigo, que não é imaginário, de superficialidade.

O problema de fundo

Sim, queridos irmãos, numa hora de mudança cultural, o nosso inimigo mais temível é a "superficialidade espiritual"!

Corremos o risco de fazer consistir toda a renovação mais em iniciativas "para uso externo" e de organização. A reestruturação da Inspetoria e das Obras é, sem dúvida, importante e indispensável. É urgente rever a nossa

dimensão comunitária, relançar a figura do diretor, assumir e aplicar a "Ratio", reformular o nosso Projeto educativo-pastoral, ampliar os grandes horizontes da Família Salesiana, programar com magnanimidade o compromisso missionário. Mas na base disso, como fonte e alma de tudo, deve-se *reprojetar juntos a nossa santidade*, tanto pessoal como comunitária: reconsiderar e reviver o significado existencial da nossa Profissão religiosa e a energia vitalizante da sua Consagração!

Se quisermos que o nosso vasto e empenhativo processo de renovação não seja apenas para "uso externo", devemos relançar vitalmente quanto nos propõem as Constituições no art. 2.º: "Sermos, em estilo salesiano, *sinais e portadores do amor de Deus aos jovens*, especialmente aos mais pobres. Ao cumprir essa missão no seguimento de Cristo, encontramos o caminho de nossa santidade".

Não somos apenas "catequistas"; somos "educadores": evangelizamos educando. Não só "educadores", mas, além disso, "guias" ou "mistagogos", palavra grata aos Padres para indicar a iniciação ao mistério de Cristo; ou seja, preocupamo-nos em conduzir pedagogicamente à inserção vital dos jovens nas realidades da fé: educamos evangelizando, no sentido que toda a nossa atividade de promoção educativa é animada e concretamente orientada pela preocupação de introduzir os jovens no mistério de Cristo e fazê-los viver na sua Páscoa. A alma do Sistema Preventivo é, sempre e em toda a parte, o "Da mihi animas", que brota de uma espiritualidade centrada na "caridade pastoral", concebida e vivida segundo o estilo de Dom Bosco¹. "Imitando a paciência de Deus — dizem-nos as Constituições —, encontramos os jovens no ponto em que se encontra sua liberdade e sua fé. Fraternalmente presentes para que o mal não lhes domine a fragilidade, ajudamo-los, através do diálogo, a libertar-se de qualquer

servidão. Multiplicamos os esforços para iluminá-los e estimulá-los, respeitando o delicado processo da fé”².

2. Constituições 25

Mas para fazer isso com paciente constância, ou seja, para viver quotidianamente o propósito de guiar e conduzir à iniciação do Mistério, faz-se absolutamente indispensável a “santidade”: eis o primeiro objetivo da nossa verdadeira renovação!

**O dom mais precioso para os jovens:
a nossa santidade**

Uma visão global da vida da Congregação, dessumida de um longo contato (quase três anos) com as Inspetorias, nas Visitas conjuntas, leva-me a formular a seguinte afirmação substancial: o maior problema que hoje permanece aberto, para nós, é o da recuperação da santidade.

Sim: os jovens de hoje têm necessidade urgente da nossa santidade. Cristo e Maria chamaram-nos justamente para isto: a nossa santidade é o presente mais belo e mais útil que podemos dar à juventude.

A palavra “santidade”, porém, pode ser mal compreendida por uma mentalidade defasada, muito comum e fruto de um ambiente que opõe um como bloqueio cultural ao genuíno conteúdo do seu significado. Poderia ser identificada com um espiritualismo de evasão do concreto, com um ascetismo para heróis excepcionais, com um sentimento de fuga do real que desestima a vida ativa, com uma consciência antiquada em relação aos valores da atual virada antropológica. Semelhante caricatura é profundamente lamentável.

Nós, ao invés, acreditamos na santidade e na sua atualidade. Mais que o conceito abstrato de santidade, olhamos o testemunho vivo de Dom Bosco “santo”.

Quando afirmamos que a nossa santidade é o dom mais precioso para os jovens, queremos dizer que eles precisam encontrar em cada um de nós outro Dom Bosco com o seu coração oratoriano.

É nesse sentido que se mostra fundamental e urgente relançar a santidade, fazendo com que o próprio termo recupere atualidade e atração, um tanto esvaziado que está pelas caricaturas ambientais. A santidade de Dom Bosco é simples e simpática, é robusta e profética.

Só Deus é santo. A santidade humana é comunhão e participação no amor divino: ela nos confirma que o Espírito do Senhor se inseriu vitalmente no coração e na história dos homens; sem ela a humanidade não atinge as próprias metas.

Fermento de integridade humana no desígnio do Pai, Dom Bosco é, entre os muitos santos, uma testemunha exímia e um comunicador dos valores indispensáveis da santidade aos jovens.

Domingos Sávio no-lo poderia repetir com entusiasmo e esperança.

Uma santidade, dizia eu, simples e simpática, que tem estilo e comunicabilidade próprios, que inspira confiança e constrói amizade, mas muito exigente no seu conteúdo evangélico. Não se pode atingir sem um chamado particular do Espírito; e nela não se pode perseverar sem fidelidade e contínuo recurso às suas inspirações. É uma santidade simples e simpática, mas não é fácil nem cômoda!

Para nós "não basta amar". Dom Bosco ensinou-nos como ideal de santidade salesiana o "fazer-se amar"; e a "latada das rosas" nos lembra claramente que isso é muito exigente. Seu estilo de santidade é pedagógico. Perderia,

em nós, a sua originalidade, caso introduzisse barreiras que distanciassem dos jovens ou se lhes tornasse antipático.

As presentes situações inspetoriais fazem-me pensar em dois elementos fundamentais da santidade salesiana que se devem privilegiar nos nossos cuidados, para juntos reprojertarmos sua viva atualidade.

O primeiro é a intimidade com Cristo, para garantir a fonte quotidiana da caridade pastoral nas nossas atividades educativas.

O segundo é o empenho ascético, para viver uma constante bondade pedagógica.

Sem uma clara amizade com Cristo, sentida pessoalmente e vivida comunitariamente, e sem a seriedade de uma ascese, nenhum esforço de renovação nos levará de verdade a sermos sinais e portadores do amor de Deus aos jovens.

Permiti-me algumas breves observações sobre estes dois pontos, que são como as duas grandes molas do nosso relançamento.

Encontro quotidiano com Cristo

Consideremos, em primeiro lugar, com especial atenção, quanto escreveu Dom Bosco no seu testamento: "Morreu o vosso primeiro Reitor. Mas o nosso verdadeiro Superior, Jesus Cristo, não morrerá. Será ele sempre o nosso Mestre, nosso Guia, nosso Modelo"³. Lembremos ainda o que proclama a nossa tradição espiritual: "O centro do espírito salesiano é a caridade pastoral, caracterizada pelo dinamismo juvenil que se revelava tão forte em nosso Fundador e nas origens da nossa Sociedade. É um ardor apostólico que nos faz buscar as almas e servir tão-somente a Deus"⁴.

A santidade, vive-se e manifesta-se naquele amor que é a caridade de Deus (o "ágape" do evangelista São João).

3. *Memorie Biografiche*
17, 258-273

4. *Constituições* 40

5. Ato do Conselho Superior, 1978, n. 290

A santidade salesiana contempla com uma ótica peculiar a caridade do Pai, que muito ama o homem, a ponto de enviar seu Filho e o seu Espírito para salvá-lo. Sublinha, nesse amor, o dom de si nas iniciativas de salvação, sobretudo para os jovens⁵. Não se contenta com palavras; constrói fatos: a caridade pastoral traduz-se em ação.

6. Mateus 7,21

O agir dá ao ser um vigor especial e manifesta-o com uma atração de autenticidade e de fecundidade. A Sagrada Escritura não cessa de proclamar a exigência do fazer: "Não é o que me diz: 'Senhor, Senhor!' que entrará no reino de Deus. Nele entrará somente quem faz a vontade do meu Pai que está no céu"⁶.

Trata-se, pois, de uma caridade pastoral assaz concreta e ativa, que vive em nós com relações de amizade constante para com dois tipos de pessoas: as pessoas infinitas de Deus e as pessoas dos homens, sobretudo dos "pequenos e dos pobres".

Percebe-se, assim, uma dinâmica intrínseca à caridade que produz certa tensão nas nossas relações de amizade com Deus e com os jovens.

Que relações vêm antes: a amizade com o homem necessitado ou a amizade com Deus? Há alguma dependência entre elas? Flui uma da outra? Ou são paralelamente coexistentes? Pode subsistir uma sem a outra? São perguntas interessantes; na resposta que lhes damos, chegamos a tocar o ponto nevrálgico do relançamento da nossa santidade.

As perguntas que nos propusemos não são artificiais nem supérfluas, como se foram pleonásticas; enfrentam diretamente, em profundidade, algumas sugestões em moda, apresentadas por uma mentalidade secularista muito difundida. Com efeito, as atuais mudanças culturais, que provocaram uma das maiores crises da história da vida religiosa, caracteri-

zam-se por um acentuado antropocentrismo, com uma "concepção do mundo, segundo a qual ele se explicaria por si mesmo, sem ser necessário recorrer a Deus"⁷. Tal mentalidade infiltrou-se também de maneira subtil, camuflando-se com roupagens religiosas, nos ambientes da fé. Da perspectiva bíblica e patrística do homem "imagem de Deus", pela qual não se conhece verdadeiramente o homem se não se conhece a Cristo que é Deus feito homem⁸, passou-se à perspectiva oposta, pela qual o homem conhece o mistério de Deus (se existe!) conhecendo a si mesmo.

7. *Evangeli Nuntlandi* 558. Cf. *Gaudium et Spes* 22

De tal atitude pode derivar uma resposta ruínosa para as perguntas acima formuladas; sem afirmar explicitamente o primado do amor ao homem, insiste-se quase exclusivamente sobre ele, sobre suas necessidades, sobre suas situações de injustiça social, de onde dever-se-ia partir para repensar o próprio significado do amor de Deus e, pois, da consagração religiosa.

Semelhante interpretação condescende a uma atitude eivada de perigos de antropocentrismo, que chegam com facilidade a um ofuscamento da caridade pastoral e, portanto, a uma progressiva adulteração da nossa santidade. É verdade que o apóstolo São João afirma a indispensabilidade do amor ao próximo: "Quem não ama o próximo a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê"⁹. Mas São João coloca-se aqui no plano de verificação da verdade concreta da nossa caridade. Com efeito, pouco antes havia escrito: "O amor vem de Deus...; o amor verdadeiro é este: não o amor que tivemos para com Deus, mas o amor que Deus teve por nós...; se Deus nos amou assim, também nós devemos amar uns aos outros; nós amamos a Deus porque Ele nos amou primeiro"¹⁰.

9. 1 João 4,20

10. 1 João 4,7; 10; 11; 19

Já o Antigo Testamento havia falado do amor de Deus e do próximo em termos de pri-

mado absoluto; mas é propriamente no Novo Testamento que muda a medida e a dinâmica interna desse amor, assumindo dimensões inauditas.

O mandamento de Jesus Cristo é muito claro: "Amai-vos uns aos outros *como* eu vos amei!"¹¹ Esse "como" é a resposta mais precisa e radical às perguntas acima mencionadas. Na nossa caridade pastoral o amor aos jovens deriva, intimamente, por sua natureza, do amor a Deus; as nossas relações de amizade com os jovens são o fruto precioso e natural das nossas relações de amizade para com Deus. Sem o amor para com Deus não há caridade pastoral para com os jovens!

No discurso inaugural da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (realizado em Medellín, em 1968), o Papa Paulo VI quis chamar a atenção dos Pastores latino-americanos para um ponto doutrinal referente à caridade pastoral. Trata-se da *"dependência da caridade para com o próximo, da caridade para com Deus"*. Conheceis — diz ele — os assaltos que *essa doutrina de claríssima e inexpugnável derivação evangélica* sofre em nossos dias: quer-se secularizar o cristianismo, deixando para trás sua referência essencial à verdade religiosa, à comunhão sobrenatural com a inefável e inundante caridade de Deus com os homens, sua referência ao dever da *resposta* humana, convidada a ousar amá-lo e chamá-lo "Pai" e *por consequência* a chamar com plena verdade "irmãos" aos homens, para libertar o cristianismo de 'aquela forma de neurose — como afirma Cox — que é a religião', para evitar toda preocupação teologal e para oferecer ao cristianismo uma nova eficácia, inteiramente pragmática, a única que o tornaria aceitável e operante na moderna civilização profana e tecnológica"¹².

Portanto: as nossas relações de amizade com Deus são a verdadeira fonte e a linfa ali-

11. João 15,12

12. CELAM, "La Iglesia en la actual transformación de América Latina a la luz del Concilio", vol. I, p. 31, Bogotá, 1968

mentadora da nossa predileção pastoral pelos jovens.

Chegamos então ao ponto: como cuidar e intensificar continuamente o nosso amor para com Deus?

A resposta é uma só: o encontro quotidiano com Cristo!

São João, que além de ser chamado “o teólogo da caridade” é também a mais ilustre testemunha dela, deixou-nos uma definição histórica da santidade substancial, afirmando que “Deus é amor”¹³. Essa expressão não é uma afirmação de Jesus nem um enunciado dogmático abstrato; é, ao invés, a conclusão das prolongadas reflexões de João sobre a vida e sobre a Páscoa do seu amigo Jesus e sobre as relações pessoais dEle com o Pai. Quanto mais conhecemos os fatos, as palavras e a psicologia de Jesus, tanto mais ele descobre com intensa evidência que a caridade (o amor, o “ágape”) é a síntese do significado histórico da encarnação do Verbo, e a explicação exaustiva de todo o mistério de Deus feito homem.

13. 1 João 4,8

Para João, o que distingue os crentes da Nova Aliança dos outros é precisamente esta maneira de contemplar a Cristo. Não basta reconhecê-lo como Messias e Senhor da história; é preciso aderir vitalmente *ao Seu modo de amar*, participando ativamente da sua eficácia.

O realismo da caridade de Deus encontra-se todo no Cristo que lhe vive historicamente a originalidade e a potência.

Deus, puro espírito¹⁴, ninguém jamais o viu¹⁵; Ele se faz presente em Cristo “como imagem perfeita do Pai”¹⁶, e nEle concentra toda a originalidade divina do amor.

14. João 4,24

15. 1 João 4,12

16. João 14,9

Conhecer e amar a Deus, no cristianismo, não é simplesmente refletir e admirar a Sua onipotência, a Sua sabedoria, a Sua justiça, mas

é sentir-se envolvido existencialmente com Cristo para compartilhar-lhe ativamente a caridade.

O “santo” é justamente aquele que se abre plenamente a este amor e dele se torna portador para os outros.

Relançar, pois, a nossa santidade salesiana significa cultivar primeiro que tudo as relações de amizade com Ele, cada um pessoalmente e juntos comunitariamente.

Eis porque o encontro quotidiano com Cristo é, de fato, o alfa e o ômega da caridade pastoral.

O “encontro” exige uma amizade permanente; mas eu me refiro, aqui, também a um espaço concreto de tempo inserido em cada dia, que se chama meditação e oração pessoal, horas litúrgicas, Eucaristia.

O sacramento do memorial da sua Páscoa, que encerra o maior amor de toda a história, deve voltar a ser vitalmente o centro propulsor do nosso coração e da nossa casa.

Desses aspectos essenciais e irrenunciáveis do nosso encontro pessoal e comunitário com Cristo, o Capítulo Geral Especial trata difusamente e com objetiva conformação à realidade da nossa vida. Convido-vos a meditar atentamente o documento 9, “A comunidade orante” 17.

17. Capítulo Geral 20,
nn. 517-555

Empenho ascético

A segunda coluna que sustenta todo o edifício da nossa santidade é uma pedagogia ascética, concreta e diária, para a nossa conduta pessoal e para o estilo da nossa vida comunitária.

Um dos fenômenos perigosos que pudemos verificar nestes anos de crise da vida religiosa

é uma quase desintegração da ascese, que vem a ser a perda do *esforço metódico* feito para eliminar, com a ajuda da graça, quanto se opõe ao crescimento da vida em Cristo e para enfrentar virilmente os sacrifícios que ela impõe: a abnegação e a renúncia¹⁸, a aceitação do sofrimento¹⁹, a luta e o combate espiritual²⁰ etc., não por si mesmos, mas como participação no mistério pascal de Cristo, como consentimento nos impulsos do Espírito.

18. Cf. *Mateus* 16,2419. Cf. *Colossenses* 1,2420. Cf. *1 Cor* 9,24-25

Essa perda revelou-se muito grave; ela tira à vida religiosa a sua característica de "sinal" no mundo. Sem um empenho ascético visível, não se testemunham com nitidez os grandes valores dos votos, que são, por si mesmos, uma formidável contestação evangélica da sociedade permissiva de hoje. Antes, sem ascese não pode existir a própria verdade objetiva dos Votos, ou seja, a santidade religiosa específica desfaz-se no nada!

O Papa Paulo VI, falando aos religiosos, dizia com realismo e angústia: "A cilada mais perigosa armada aos vossos Institutos é a do *laxismo moderno*, no qual estamos imersos. *Resisti-lhe a todo custo!* Hoje mais do que nunca a vida religiosa deve ser vivida na sua plenitude e de conformidade com suas *altas e severas exigências* de oração, humildade, espírito de sacrifício, *prática austera dos votos*. Numa palavra: *a vida religiosa deve ser santa, ou não tem mais razão de ser*"²¹.

21. *Paulo VI*, 27/6/1965

Historicamente, no Cristianismo, no contato com visões antropológicas diferentes, o modo da ascese e a sua expressão em práticas concretas foram-se exprimindo em experiências sempre novas. Uma sã pedagogia ascética tem sempre uma referência cultural e uma adaptação ao tipo peculiar da vocação que se escolheu.

Assim, num ambiente de mentalidade platônica, era fácil revestir a ascese de certo dua-

lismo, caracterizado por um conceito pejorativo dos valores somáticos.

Por outra parte, o exercício ascético de um “contemplativo” não pode servir de medida para o de um “ativo”, e vice-versa.

O homem é a um só tempo espírito e carne, que vive a própria vocação numa determinada cultura, marcada por uma visão antropológica, própria. Uma ascese correta deve levar em consideração as exigências do projeto-homem querido por Deus no espírito e na carne, segundo uma penetração cada vez mais madura da verdade do homem. A atual virada antropológica exige também uma inculturação e uma aculturação ou uma sã adequação da ascese cristã em geral e da nossa ascese salesiana em particular aos novos valores humanos que surgiram e às exigências dos sinais dos tempos. Mas deve permanecer claramente “ascese”, e ainda mais claramente “cristã” e, para nós, “salesiana”, como crescimento homogêneo na linha da Páscoa e da nossa tradição espiritual.

Com efeito, a ascese implica a oblação de si a Deus na radicalidade da seqüela de Cristo: e, para nós, implica também a doação plena das nossas energias na ação pastoral: o apostolado é também uma espécie de exercício atlético da caridade, pelo qual “eu — como diz São Paulo — me submeto a dura disciplina, e procuro dominar-me para não ser desclassificado”²².

Hoje a nossa ascese deve ter em conta os progressos feitos pelas ciências do homem, mas deve iluminá-los sempre com a luz pascal. “Cristo, que é o novo Adão — diz-nos o Concílio na “*Gaudium et Spes*” —, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação... Por Cristo e em Cristo ilumina-se o enigma da dor e da

22. Cf. 1 Coríntios 9,24-27

morte, que fora do seu Evangelho nos esmagar”²³.

23. *Gaudium et Spes* 22

A atual virada antropológica ressaltou justamente os valores da liberdade, do corpo, do desenvolvimento da pessoa e da importância de uma auto-realização; mas tudo isso permanece pago e pode deteriorar-se em egocentrismo, se não se lavar na água batismal da Páscoa de Cristo.

Os novos aspectos culturais não podem mudar o conteúdo evangélico da vida consagrada: assim, por exemplo, “a obediência religiosa, longe de diminuir a dignidade da pessoa humana, leva-a, pela liberdade ampliada dos filhos de Deus, para a maturidade”²⁴.

24. *Perfectae caritatis* 14

Vivemos numa civilização que marginalizou o primado de Deus e perdeu, por isso, o sentido do pecado: o nosso pecado e o dos outros e em particular, para nós, o dos jovens.

Nas sociedades de hoje, aplaude-se o triunfo das concupiscências (poder, bem-estar, carne e soberba da vida). Por outra parte, cada um de nós sente no seu coração a tirania e prepotência das paixões²⁵, alimentadas por tantas atrações e publicamente exibidas.

25. Cf. *Romanos* 7,21-25

É uma triste realidade a abundância das nossas fraquezas e dos nossos pecados e dos outros, particularmente dos jovens. Dom Bosco foi, como sabemos, inimigo implacável do pecado: sabia que ele rompe com Deus, com a sua amizade, e, por consequência, desfigura o homem e a sociedade.

Urge relançar em nós a capacidade de conversão, de expiação e de prevenção, ou seja, de um amor de contrição que se traduza numa atitude habitual de compunção, que reserve um lugar privilegiado à humanidade e a um aniquilamento cristão de si²⁶. Nada disso se opõe à auto-realização pessoal, mas é dela uma indispensável dimensão evangélica.

26. Cf. *Filipenses* 2,6-9

O mistério da cruz, com efeito, proclama, de forma paradoxalmente original e perene, a importância da “obediência da fé”. Olhemos para o Horto das Oliveiras: “Meu Pai, tu podes tudo. Afasta de mim este cálice de dor! *Mas seja feita a tua vontade, não a minha*”²⁷.

27. Marcos 14,36

A auto-realização do Cristo vê o horizonte do seu próprio desenvolvimento não num projeto subjetivo, simplesmente de acordo com as próprias inclinações e desejos, mas num projeto mais amplo, em que Deus intervém como Pai: é um vasto projeto de amor e de vitória, que, todavia, passa pelo caminho do Calvário.

Não bastam as ciências do homem para compreender e viver tal projeto do Pai; exige-se a sabedoria da fé: “Nós — diz São Paulo — não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus... e falamos dele com palavras que não são ensinadas pela ciência humana, mas sugeridas pelo Espírito de Deus”²⁸; “Ouvime: deixai-vos guiar pelo Espírito (de Deus) e assim não satisfareis os desejos do vosso egoísmo. O egoísmo tem desejos contrários ao Espírito, e o Espírito tem desejos contrários ao egoísmo. Há oposição entre essas duas forças... Conhecemos muito bem as obras do egoísmo humano: imoralidade, corrupção e vício, idolatria, magia, ódio, contenda, ciúmes, iras, rixas, discórdias, invejas, embriaguês, orgias e outras coisas deste gênero... O Espírito, ao invés, produz amor, alegria, paz, compreensão, cordialidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio de si”²⁹; “Irmãos, nós não estaremos empenhados em seguir a voz do nosso egoísmo, mas a do Espírito. Se seguirdes a voz do egoísmo, morrereis; se, ao contrário, pelo Espírito, a sufocardes, vós vivereis”³⁰. “Eu penso — conclui São Paulo — que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória futura que em Deus nos deve ser revelada”³¹.

28. 1 Coríntios 2,12-13

29. Gálatas 5,16-22

30. Romanos 8,11-13

31. Idem 8,18

Há, portanto, uma forte disciplina que deve acompanhar e defender em nós as riquezas da

caridade. É gravíssima ilusão pensar que hoje o empenho ascético seja um elemento antiquado e superado. Deve-se afirmar justamente o contrário: numa sociedade permissiva como a nossa, há, mais do que nunca, necessidade de conversão e domínio de si, numa pedagogia concreta de penitência e de prevenção.

Para assegurar, vivificar e tornar constante nosso empenho ascético, faz-se necessária uma disciplina pessoal e comunitária³². Para isso Cristo nos oferece um encontro especial com a sua Páscoa no sacramento da Penitência.

32. Cf. *Atos do Conselho Superior*, 1979, n. 293

A sinceridade e a freqüência pessoal da celebração desse sacramento são elementos indispensáveis à nossa santidade. Do sacramento da Penitência, de fato, brotam abundantes e especiais luzes e energias do Cristo para a conversão, para a expiação e para a prevenção.

E assim também o empenho ascético se torna parte viva do nosso encontro com Cristo, para viver seu mistério e comunicá-lo aos jovens.

O estilo de Dom Bosco

“Com o correr dos anos, vamos constatando — escrevia, meses atrás, às Filhas de Maria Auxiliadora, falando de Dom Bosco — encontramos diante de um Santo excepcional, do qual originou-se (hoje podemos afirmar o que ontem apenas se intuía) uma ‘grande corrente espiritual’ na Igreja, e, com a tradição viva e a reflexão em curso, se está delineando uma ‘escola verdadeira e original’ de santificação e de apostolado”³³.

33. *Atos do Conselho Superior*, 1981, n. 301, p. 23

Pode parecer ainda hoje uma afirmação atrevida; mas a experiência nos diz que é verdadeira. Devemos sentir-nos particularmente responsáveis por ela, porque colocados, como Congregação, no coração da Família Salesiana, para sua animação espiritual.

O cuidado e a intensificação do encontro com Cristo e do empenho ascético têm, pois, excepcional importância para nós, e devemos conhecer e aprofundar constantemente sua modalidade peculiar, que constitui o estilo de santidade de nossa índole própria³⁴.

34. Cf. *Mutuae Relationes* 11

Assim, no tocante ao nosso “encontro cotidiano com Cristo” já procurei insistir salesianamente na *lembrança* deste ano (1981) sobre a “vida interior”. E a *lembrança* do ano novo (1982) concentra a atenção de todos sobre um característico empenho ascético de trabalho e temperança. Dom Bosco queria que o binômio “trabalho e temperança” fosse o lema da nossa Congregação; apresentou-o em forma de dois diamantes justamente sobre os ombros do personagem do famoso sonho, como a indicar que são eles que sustentam e traduzem na prática os valores e as exigências dos outros diamantes.

Por outra parte, dedicamo-nos, depois do Capítulo Geral 21, a aprofundar o Sistema Preventivo nas suas várias dimensões; interessam-nos, aqui, as suas características de peculiar espiritualidade. As duas colunas de que Dom Bosco nos fala, a Eucaristia e a Penitência, aparecem de novo à luz do Concílio, do magistério papal³⁵ e da nossa experiência destes anos, como os dois centros fundamentais da renovação espiritual. Ambos ressaltam de forma complementar seja o nosso “encontro cotidiano com Cristo”, seja o nosso “empenho ascético”.

35. *Redemptor Hominis* e *Dives in Misericordia*

Além disso, a “opção comunitária” do nosso projeto evangélico de seqüela do Cristo³⁶ oferece-nos novos elementos para a vida espiritual. Tais elementos envolvem num clima de comunhão fraterna o nosso encontro com Cristo: o “espírito de família” deve ser revisto e vivido nas Casas à luz de Cristo, para além da carne e do sangue ou das simpatias. Tais elementos comportam também uma coloração especial do nosso empenho ascético, enquanto

36. Cf. *Const.* 50,34

a obediência (que tem para nós forte dimensão comunitária) é colocada por Dom Bosco na própria raiz da missão salesiana. À luz deste estilo de obediência salesiana, quantos individualismos e quantas iniciativas independentes necessitam de revisão e correção!

Enfim, apenas para sugerir algumas deixas, a sã tradição vivida na espartanidade das primeiras gerações e no testemunho dos melhores entre os que nos precederam, juntamente com as diretrizes das Constituições e dos Regulamentos, indica-nos expressões práticas e exigentes de união com Deus e de ascese.

Assim:

— Para aprimorar nosso “encontro quotidiano com Cristo” convirá reler o capítulo 8.º das Constituições³⁷: escuta de Deus, oração, Eucaristia, Penitência, devoção mariana, e uma liturgia da vida na qual nos oferecemos a nós mesmos no trabalho quotidiano “como hóstias vivas, santas e agradáveis a Deus”.

37. Cf. Const. 58-67

— E para o “empenho ascético”, permiti-me apresentar-vos alguns artigos muito concretos:

Const. 42: O trabalho e a temperança em oposição às comodidades e confortos, a prontidão em “suportar o calor e o frio, a sede e a fome, as fadigas e o desprezo, toda vez que se tratar da glória de Deus e da salvação das almas!”;

Const. 79: para conservar a castidade, o uso da mortificação e da guarda dos sentidos;

Const. 83, 85, 87: para viver a pobreza, aceitar os incômodos e assumir um teor de vida simples e frugal, no espírito de sacrifício;

Const. 91, 93, 94: para viver a obediência, fazer a oferta da nossa vontade a Deus na Congregação; ser sempre disponíveis; considerar os Superiores e a Comunidade como mediações qualificadas para conhecer a vontade do Pai;

ser acessíveis ao diálogo; colocar, por parte de cada um, capacidades e carismas a serviço da missão comunitária. Com razão nos ensina Dom Bosco: em vez de fazer obras de penitência, façamos as da obediência;

Reg. 36: despertar o sentido crítico e a consciência dos próprios deveres morais na escolha das leituras, das projeções cinematográficas e das transmissões radiofônicas e espetáculos televisionados, pensando na austeridade exigida pela vida religiosa e nos compromissos da vida comunitária e de trabalho;

Reg. 50: a penitência especial, pessoal e comunitária, da sexta-feira e do tempo de Quaresma;

Reg. 55: fugir das comodidades e das atrações mundanas;

Reg. 61: a sobriedade no alimento e nas bebidas, a simplicidade das roupas, o uso moderado das férias e dos divertimentos e a abstenção de fumo como forma de temperança salesiana e de testemunho no próprio trabalho educativo.

Dom Bosco, os grandes Fundadores e os Santos são tipos de homem e de mulher que honram a humanidade. Irradiaram amor e alegria porque foram verdadeiros discípulos de Cristo, fixando atentamente o olhar também no aniquilamento (a *quênosis*!) a que se submeteu. Ensinam-nos, antes de tudo, a encher o coração de caridade, mas a nutri-la também e defendê-la com coragem ascética, lembrando que uma ascese pedagógica vale-se também de coisas que podem parecer pequenas, mas se revestem de um significado característico e sustêm, de maneira vital e contínua, o robustecimento evangélico da vontade.

Conclusão

Eis, queridos irmãos, algumas reflexões úteis, pensadas após uma revisão global da vida

da Congregação realizada mediante as Visitas conjuntas.

Temos urgente necessidade de reprojeter juntos a santidade e de testemunhá-la com um estilo de vida e de apostolado mais crível. É uma interpelação, esta, que nos vem das necessidades do povo e sobretudo dos jovens.

Verificou-se nestes últimos anos uma mudança considerável nas nossas formas de vida, para melhor nos adequarmos às mudanças culturais e para estarmos mais concretamente presentes no mundo. Lamentavelmente, nem sempre nos demos conta de que certas atitudes e maneiras seculares vão, pouco a pouco, pondo em questão a própria essência da vida consagrada.

Devemos estar no mundo como “santos”. Somos os sinais e portadores do amor de Deus aos jovens: não podemos, pois, ser estranhos a eles; mas fomos chamados para ser entre eles como verdadeiros discípulos de Cristo, segundo o estilo de Dom Bosco.

A superficialidade espiritual leva-nos a adaptar-nos ingênua e simplesmente ao mundo; a santidade, ao invés, exige de nós uma adaptação não propriamente ao mundo, mas sim às necessidades evangélicas do mundo!

Portanto: não mundanos, ainda que no mundo; não estranhos, mas com identidade própria; não antiquados, mas profetas hodiernos da realidade escatológica da Páscoa; não admiradores fáceis da moda, mas corajosos cultores de uma renovação exigente; não desertores das vicissitudes humanas, mas protagonistas de uma história de salvação.

A nossa seqüela de Cristo segundo o espírito de Dom Bosco serve-se de todas as circunstâncias, eventos e sinais dos tempos, mesmo das situações mais negativas e injustas, para crescer e fazer crescer na santidade.

Nesse audaz empenho, que não é fácil, porque, afinal, é de contestação (devemos ser "sinais de contradição" como Jesus), os efeitos desejados não se alcançam, como se costuma dizer, "ex opere operato", ou seja, por simples mudanças de estruturas ou de formas de vida e de apostolado mais adaptados às exigências dos tempos: tais mudanças também são indispensáveis; devem, todavia, fundar-se sobre algo diferente, mais profundo e basilar.

Os valores da santidade dependem do coração da pessoa; mais se alcançam e crescem "ex opere operantis", ou seja, pela atividade contemplativa da nossa inteligência, pelo empenho da nossa liberdade, pela iniciativa do nosso amor.

Não há como fugir; não nos evadimos com uma simples crítica às estruturas ou culpando os outros. Aqui estamos comprometidos perante a própria consciência na intimidade mais profunda da própria realidade pessoal.

A energia atômica que resolverá a crise situa-se aí: no santuário da nossa pessoa.

Esta é a grande verdade: reflitamos sobre ela!

O Papa João Paulo II nos diz que "é a verdade que dá a coragem das grandes decisões, das opções heróicas, dos compromissos definitivos! É a verdade que dá a força para viver as virtudes difíceis, as bem-aventuranças evangélicas!... E a verdade é Cristo, conhecido e seguido... Da verdade nasce logicamente o desejo ardente da santidade"³⁸.

38. L'Osservatore Romano, 19-20/10/1981

Peçamos a Maria que nos alcance a luz para ver claro. Ela foi escolhida no projeto divino de redenção para trazer Cristo ao mundo: trouxe-o no Natal e o traz continuamente na história da Igreja, na fundação dos Institutos

religiosos (lembramos Becchi e Valdocco) e na experiência viva de cada um.

A Auxiliadora nos acompanhe e guie.

Desejo a todos um novo ano de sério empenho na santidade.

Fraternalmente em Dom Bosco,

P. Egidio Vignoli

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

O CONSELHEIRO PARA A PASTORAL JUVENIL

P. Juan E. VECCHI

ESCOLA SALESIANA

1. O problema atual

Não faltaram nos últimos tempos tomadas de posição sobre a validade cultural e pastoral da escola, tanto por parte da Igreja como por parte da Congregação. Os princípios, os fundamentos e as metas ideais parecem esclarecidos. Permanece, todavia, muito vivo o problema da criação de um "modelo" em que todas as qualidades e possibilidades enunciadas nos documentos encontrem resposta apreciável na realidade.

A escola foi sacudida por fatos culturais, sociais e eclesiais que, sem tirar-lhe o valor, mostraram a insuficiência de certa praxe anterior, exigindo novo quadro de referência e critérios mais adequados de programação e intervenção. Revelaram, além disso, outras perspectivas educativas e pastorais.

Alguns desses fenômenos, que aqui enunciamos apenas a título de exemplo, e cujo influxo sentimos todos os dias nas nossas escolas, são: a presença maciça dos leigos, as exigências de participação, a identidade cultural hodierna de uma escola que queira chamar-se católica num ambiente pluralista, a contínua renovação didática, uma nova visão da comunicação cultural, as exigências técnicas do ensino moderno, a relação com o território, as modalidades do trabalho pastoral numa instituição que por sua natureza é secular.

Se às declarações de validez e possibilidades não se seguir uma solução viável para cada um desses elementos em termos de pessoal, de atualização, de objetivos que se possam atingir, e de atuação, os textos ficarão inoperantes.

A Congregação dirige um número considerável de escolas. A escola é o ambiente onde ela entra em contato com maior número de jovens, durante um tempo mais prolongado e com um programa mais orgânico, tendo ainda oportunidades de contar com um número de educadores leigos que cresce de dia para dia.

O documento sobre a evangelização dos jovens do CG21 apresenta a escola como um ambiente e um caminho válido para

os Salesianos, na medida em que nos permite evangelizar os jovens, segundo um projeto pastoral típico.

São duas, pois, as preocupações: a penetração pastoral e a identidade salesiana. É o momento de rever e garantir cada uma das condições que hoje tornam nossa presença escolar expressão plena da missão juvenil salesiana.

2. Um modelo operativo

Chegar a um modelo operativo quer dizer dar solução estável, e a melhor possível, a todos os elementos novos, superar a experimentação individual e construir um patrimônio comunitário de experiências. Supõe também que as soluções práticas sejam transferíveis a outras presenças do mesmo tipo, se não de maneira materialmente igual, pelo menos como indicações de aplicação imediata.

O Projeto Educativo Pastoral para a escola recomendado pelo CG21 tem como finalidade justamente a criação de um **MODELO OPERATIVO**. Deveria ser como mediador entre os princípios enunciados e as realidades concretas em que se trabalha, traduzir em objetivos e ações possíveis o que foi enunciado como teoria: criar, numa palavra, uma mentalidade e uma praxe comunitária.

Mas quais seriam os pontos nodais aos quais se devem enunciar metas atingíveis, conteúdos e iniciativas concretas para construir o desejado **MODELO OPERATIVO**?

Ei-los.

3. A comunidade educativa

É o primeiro e talvez mais novo entre os pontos que merecem atenção. Supõe já adquirida, a nível inspetorial e local, uma mentalidade que considera indispensável a co-responsabilidade dos leigos, e necessária sua contribuição para alcançar as metas educativas e para que a escola reproduza a imagem da Igreja.

Requer também o reconhecimento do papel de protagonistas dos jovens nos processos educativos que lhes dizem respeito e, como consequência, abre-lhes espaços de participação segundo o próprio nível.

Reconhece a complementaridade entre escola e família, e entre estas duas realidades e bairro e sociedade. Fica superado, pois, o isolamento da escola, quer quanto aos conteúdos, quer quanto às relações e à avaliação da própria eficácia. A família não é chamada somente para dar um apoio disciplinar ou econômico, mas para participar na formulação dos objetivos e das modalidades educativas. Com o bairro e com a sociedade estabelecem-se relações profissionais, culturais, de serviço, de ajuda e de colaboração em causas comuns.

O esforço permanente para construir uma comunidade leva-nos a escolher algumas tarefas prioritárias e a concentrar sobre elas os nossos serviços de religiosos e de Salesianos. Sabemos que, levados pelas circunstâncias, os Salesianos assumiram em alguns casos papéis administrativos, de direção técnica, de representação e de gestão, que às vezes pouco tempo deixam para tarefas igualmente ou mais importantes. É uma tendência que é preciso reequilibrar.

A comunidade religiosa, que vive mais profundamente e manifesta mais visivelmente a missão da Igreja, deverá constituir-se centro e motor de comunhão e participação. Segue-se de aí a necessidade de qualificar ou requalificar todos os nossos irmãos como animadores de comunidade; isto é, como agentes que avaliam positivamente a participação e a co-responsabilidade, possuidores das habilidades requeridas para convocar, unir, recolher, sintetizar, distribuir tarefas, e sobretudo para dar o sentido da missão educativo-cristã.

O núcleo religioso assim renovado tomará a seu encargo principalmente a formação permanente dos leigos em sentido profissional, cristão e salesiano, e o cuidado da unidade ideal, operativa e afetiva de todos os membros da comunidade educativa, construída através das estruturas de participação, as relações pessoais e a elaboração comum das metas e das intervenções.

Esses pontos são em algumas Inspetorias confiados à iniciativa e às qualidades pessoais; em outras são objeto de um aprendizado sistemático geral e inscrevem-se como opções obrigatórias no Projeto Inspetorial. Esta segunda forma revelou-se mais eficaz.

Há anos que na Congregação se fala da comunidade educativa. Uma gradualidade compreensível na assimilação de cada uma das exigências por ela apresentadas fez com que fossem pouco decididos os nossos passos em direção a metas que pare-

ciam evidentes: a inserção ativa dos leigos, sua animação, a necessidade de pensar em seu "status" dentro das nossas presenças. Em alguns ambientes deram-se movimentos de refluxo, que diante das primeiras dificuldades interromperam o processo, ao passo que ao redor de nós continuava-se a caminhar para uma administração social e comunitária da escola, e a Igreja desenvolvia sempre mais os espaços do laicato e apresentava a comunidade como o verdadeiro sujeito educador. Parece ser hoje uma condição de progresso saber mover-nos sem detença nas linhas indicadas, ainda que só se possam dar pequenos passos.

E a linha indicada não é outra senão a expressa pelo artigo 39 das Constituições: "Muitas vezes os leigos estão diretamente associados ao nosso trabalho educativo e pastoral. Dão uma contribuição original à formação dos jovens, à preparação dos militantes leigos, ao serviço da paróquia e das missões. A lealdade e a confiança estão na base de nossas mútuas relações; oferecemos-lhes o testemunho de uma vida evangélica e a ajuda espiritual que esperam. Tendemos além disso a realizar em nossas obras juvenis a 'comunidade educativa' que acolhe com a presença ativa os pais, primeiros e principais educadores, e os próprios jovens, convidados ao diálogo e à co-responsabilidade".

4. O nível profissional

Afirma-se que não pode ser escola católica a que não reproduz os elementos caracterizadores da escola (cf. *Scuola Cattolica*, n. 25). A própria proposta religiosa, sem perder a sua originalidade, insere-se num programa educativo de crescimento integral, baseado na assimilação sistemática e crítica da cultura. A escola, pois, deve ser, primeiro que tudo, capaz de EDUCAR.

Essa exigência de bom nível educativo requer atenção para a quantidade numérica do grupo de Salesianos que animam uma escola, pois se sabe que abaixo de certos limites não se consegue orientar e influir pedagogicamente.

Exige também que se providencie a preparação pedagógica do nosso pessoal à altura das atuais exigências. A escola constitui hoje uma área profissional específica. Não basta ser sacerdote ou religioso para administrá-la e animá-la. No máximo seríamos capelães ou talvez professores de religião. É claro que não nos queremos limitar a estes serviços setoriais, mas queremos orientar e inspirar todo um programa de educação e uma pedagogia.

Para isso, como as demais áreas do agir humano, também a escola exige o domínio de um conjunto de disciplinas particulares, a aquisição de habilidades específicas, e a continuidade no trabalho que leva à maturidade profissional.

Em alguns lugares, nossas escolas vêm-se dificultadas por fatores externos. Mas muitas poderiam ser atingidas pela queda das nossas qualificações pedagógicas. Se uma Inspetoria tem um número relevante de escolas e propõe-se mantê-las no futuro, não será o caso de pensar numa programação sistemática das qualificações pastorais relativas a esse objetivo? Não se pode hoje projetar uma pastoral especializada sem antes preparar agentes adequados.

Finalmente, as novas exigências de nível educativo levar-nos-ão a melhorar a estrutura, fazendo funcionar os serviços que ajudam a assimilação da cultura, a orientação das pessoas e uma mais fácil síntese de todos os fatores educativos: o serviço de orientação, a interdisciplinaridade, o uso dos instrumentos de comunicação social.

A isso nos estimulam os nossos Regulamentos, quando no artigo 9 estabelecem: "O empenho escolar deve fundar-se (...) numa reconhecida capacidade técnica e pedagógica".

5. A originalidade cultural

A escola católica parte de uma concepção profunda do saber enquanto tal (cf. *Scuola Cattolica*, n. 38). Instrui para educar; apresenta não somente conhecimentos a serem adquiridos, mas valores a serem assimilados (cf. *Scuola Cattolica*, n. 39). Sua síntese cultural e o tipo de homem em que se inspira são originais. Sobre isso funda-se o seu direito de dialogar com outros projetos educativos presentes na sociedade, que se inspiram numa outra concepção de cultura e em outra imagem do homem.

Na prática isso torna-se verdadeiro não quando se acrescentam algumas recomendações morais ou um programa religioso de qualquer colocação cultural, mas quando os próprios conteúdos do ensino e o método com que se apresentam favorecem o desenvolvimento da inteligência pessoal e ajudam a percorrer com liberdade o caminho do descobrimento da verdade; quando desenvolvem a consciência dos valores e oferecem a visão da

realidade que se abre para a transcendência e dispõe ao acolhimento do Evangelho.

Tudo isso é instilado em cada um dos momentos educativos ou de ensino, pelo que não é possível conceber tais momentos como desligados uns dos outros.

Com o afinar-se da capacidade e dos instrumentos de análise cultural e social é evidente que toda sistematização cultural obedece a propósitos e perspectivas escolhidas (muitas vezes também a interesses de grupos!). A pretensão de transmitir “a cultura” redimensiona-se no propósito mais humilde de oferecer uma visão da realidade e instrumentos de orientação.

As escolas são chamadas a definir-se, definindo a imagem do homem e de sociedade que lhes serve de utopia orientadora. De aí se vê se funcionam como mecanismos de integração ou com força sadiamente libertadora e humanizante, se se oferecem como caminho para colocar-se individualmente ou desenvolvem o sentido do serviço e da solidariedade; se criam defesas para os mais fortes e mais afortunados ou educam à fraternidade e à justiça.

Diz-se da escola católica que apresenta uma concepção cristã da realidade (cf. *Scuola Cattolica*, n. 33). Essa afirmação de alcance cultural que está longe de ser pacífico dever-se-á realizar através do ensino sem apartar as disciplinas do seu método peculiar ou empregá-las para fins apologéticos (cf. *Scuola Cattolica*, n. 39).

Também a orientação cultural requer algumas tarefas urgentes: rever o quadro de referência, reordenar os conteúdos e reestudar os métodos, a fim de que sua totalidade colabore para formar um “sujeito” ativo e crítico e não só um consumidor de cultura, uma pessoa na qual se arraiga o sentido absoluto da verdade e do bem mais do que o hábito do compromisso com vantagens individualistas ou de grupo.

Também a esse respeito temos uma insistente indicação nos nossos Regulamentos: “O empenho escolar esteja fundado em sólidos valores culturais” (art. 9). “Os Salesianos promovam nas respectivas comunidades educativas um diálogo permanente acerca dos valores humanos e cristãos que transmitem (...) e da sua relação com o contexto social” (art. 10).

6. A animação pastoral

A pastoral da escola compreende tudo que vimos dizendo. Seria um erro fazê-la consistir somente nos momentos explicitamente religiosos.

Mais que um ponto ou setor, é a alma que chega a toda a parte.

A dupla síntese entre fé e cultura e entre fé e vida depende da qualidade da cultura e também da qualidade da fé que concretamente se propõe como experiência vital e como conteúdo de reflexão através do ambiente, das relações, do ensino religioso e das propostas livres.

Se através de tudo isso a fé se torna significativa como atitude pessoal e como iluminação última da realidade, é possível que os jovens iniciem a conversão do coração que é a finalidade e o sinal da evangelização. Se permanece a nível de obrigação institucional, de reflexão descomprometida, de linguagem irreal porque as palavras não conduzem a nenhuma pergunta vital, será um elemento exterior à vida e à cultura, e conseqüentemente irrelevante para a existência.

É, então, importante definir bem os objetivos, o sentido e as modalidades do ENSINO RELIGIOSO. Pela sua inserção num programa cultural, pelo pluralismo dos ouvintes, pelo seu caráter escolar, o ensino religioso requer o entusiasmo do catequista e a competência do professor de religião. E isso exige uma particular preparação, pois são particulares os métodos, os subsídios, a síntese, as ligações que a aula de religião estabelecerá com outras áreas do saber e com outros aspectos do processo educativo, baseados na reelaboração pessoal da cultura.

O ensino da religião tem a possibilidade de amortecer o indiferentismo, de provocar um estado de mente para o qual as problemáticas religiosas se tornam relevantes, gerando o desejo de ulterior aprofundamento, além de anunciar Cristo e o seu mistério.

Sozinho, porém, não é suficiente para atingir todos os objetivos da catequese. Uma pastoral da escola levar-nos-á, pois, a preparar outras propostas de educação para a fé, num clima de liberdade conforme a idade dos meninos, mas sem deixar inaproveitados os tempos: são os grupos, as celebrações, a catequese, os retiros etc.

Alargando a visão, descobrimos outras perspectivas pastorais para a comunidade salesiana dedicada ao ensino. O relacionamento com os pais tornar-se-á pastoral se a nossa preocupação se encaminhar para fazer-lhes progredir na fé a experiência educativa e familiar; a participação no território é pastoral se a nossa presença ajudar a afirmar valores humanos e evangélicos na vida do bairro; o diálogo educativo com outras instituições análogas será pastoral se no confronto soubermos fazer emergir uma visão da realidade e um sentido do homem inspirados no Evangelho; finalmente a comunidade de fé pode cumprir uma tarefa pastoral, ajudando cada um dos educadores no seu caminho de fé, e tornar-se presente na comunidade paroquial através da prestação de serviços específicos.

O conjunto forma a PASTORAL TOTAL DA ESCOLA, e é resultado em parte de obrigações institucionais, mas em mais larga medida de bem ordenada criatividade.

Para favorecer a criatividade, surgiram recentemente novas formas de organização e papéis mais adequados à situação. Entre as experiências positivas, podemos colocar o departamento do ensino religioso, que enfrenta esta matéria com a mesma seriedade e a mesma coordenação com que se tratam outros estudos; o conselho pastoral, de que participam religiosos, leigos, pais e alunos, preocupados com a animação pastoral da escola, através de propostas coletivas e individuais, inseridas nos horários escolares ou deixados para tempos extra-escolares.

7. O coração oratoriano

A escola salesiana nasceu no oratório, e do oratório hauriu o espírito, sem esvaziar a sistematicidade de compromissos e o sentido de disciplina que é parte irrenunciável do seu programa educativo.

O CG21 assim descreve a fisionomia da escola salesiana, entre as pluralidades de opções práticas que estão ao alcance de uma escola católica: colocação popular, esforço de transformação do ambiente, intenção libertadora, capacidade de acolhimento do jovem e da sua vida, presença familiar e amiga dos professores entre os alunos, valorização do trabalho e da participação nas responsabilidades, importância e multiplicidade da proposta de fé, serviço de orientação vocacional que faz crescer cada um

segundo o plano de Deus, emprego do tempo e das possibilidades extra e para-escolares (cf. CG21, 131).

Tudo quanto expusemos, COMUNIDADE, CAPACIDADE EDUCATIVA, NÍVEL CULTURAL, ANIMAÇÃO PASTORAL, FISSIONOMIA SALESIANA, realizado ao mesmo tempo e de maneira convergente, constitui o desejado modelo operativo. Não se trata de restabelecer um elemento particular, mas de um novo modo de pensar a síntese, e sobretudo de traduzi-la em ação, superando dicotomias de princípios ou de prática entre escolar e pastoral.

Isso requer que se comece ou continue um movimento de reflexão e de convergência entre os nossos irmãos, o estudo de um projeto-guia no qual estas opções se tornem objetivos, conteúdos, atividades e papéis, e garantir o pessoal necessário.

Os irmãos, que com admirável dedicação mantiveram a escola salesiana até hoje, serão decerto capazes de fazê-la caminhar rumo ao amanhã.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

4.1 Crônica do Reitor-Mor

De 26 de setembro a 17 de outubro, o Reitor-Mor fez visitas de animação aos irmãos do Extremo Oriente. Acompanhado pelo Superior Regional, P. Tomás Panakezham, passou pelo Japão, Coreia, Hong Kong — Macau — Taiwan e Tailândia. Em todos esses lugares houve numerosos encontros com os Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e os outros membros da Família Salesiana, colóquios com Núncios, Bispos etc.

Em Hong Kong a etapa foi mais longa (5-10 de outubro), porque aí presidiu a reunião interinspetorial da região. Presentes: China, Coreia, Filipinas, Japão, Tailândia. Ausente o Vietnã. O P. Viganó pôde falar brevemente ao telefone com o Delegado P. João Ty.

Essa viagem permitiu ao Reitor-Mor constatar uma vez mais que os sonhos de Dom Bosco se fazem realidade.

De volta a Roma retomou sua participação no Capítulo Geral das Filhas de Maria Auxiliadora. Esteve presente na eleição da nova Superiora Geral, Rev.ma Madre Rosetta Marchese; da nova Vigária Geral, Rev.ma Madre Maria del Pilar Letón; e das outras componentes do Conselho: para a Formação, Madre Ilka Perillier Moraes; para a Pastoral, Madre Marinella Castagno; para as Missões, Madre M. Carmen Martín Moreno; Economia Geral, Madre Laura Maraviglia; Visitadoras: Madre Dolores Acosta, Madre Lina Chiandotto, Madre Maria Ausilia Corallo, Ma-

dre Anna Maria Deumer, Madre Letizia Galletti, Madre Elisabetta Maioli e Madre Elba Montaldi.

Participou na reunião plenária da Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares, de 17 a 20 de novembro. E depois, com os Membros do Conselho Superior, nos exercícios espirituais pregados para eles, em Bari, por Dom Mariano Magrassi. A semana encerrou-se com a "festa do Reitor-Mor", que este ano as Inspetorias italianas quiseram organizar em Lecce, a 29 de novembro.

Finalmente, de 5 a 8 de dezembro, esteve na Inspetoria Ligure-Toscana, para diversos encontros em várias cidades, mas especialmente para a comemoração do centenário da nossa chegada a Florença.

4.2 O Vigário do Reitor-Mor

De 5 a 14 de novembro esteve na Espanha, nas Inspetorias de Córdoba e de Sevilha. Pôde encontrar-se com o Conselho inspetorial e com as comunidades de formação.

Sucessivamente, animou, em Sanlúcar La Mayor, um curso de Exercícios Espirituais para os Diretores das duas Inspetorias.

4.3 Atividades dos Conselheiros

O Conselheiro para a Formação do Pessoal Salesiano

O trabalho do Conselheiro para a Formação e do Dicastério con-

centrou-se na primeira redação do Manual do Diretor e na animação de alguns cursos de Formação Permanente, pregações de Exercícios Espirituais e conferências várias.

Pelo fim do mês de julho, o Conselheiro para a Formação encontrou-se com os Inspetores da Itália e os professores de Benediktbeuern, para uma breve apresentação do documento sobre "A formação dos Salesianos de Dom Bosco".

Após a "Visita conjunta", em fins de julho, realizada em Barcelona para as Inspetorias da Espanha e Portugal, deu um curso de uma semana, em Cuenca (Espanha), sobre o mesmo argumento, para os formadores e os professores da Região Ibérica.

De 23 a 26 de setembro participou do encontro internacional da Faculdade de Teologia da UPS e fez a introdução ao tema: "A formação intelectual no âmbito da formação salesiana global". Estavam presentes Coordenadores de Estudos e Diretores dos Centros de estudo salesianos afiliados à UPS e de alguns outros afiliados.

De 30 de setembro a 24 de outubro, o Conselheiro para a Formação esteve no Extremo Oriente. Em Bangkok, Manila, Calcutá e em Bangalore realizaram-se encontros programados de estudo e aprofundamento da "Ratio", para formadores e professores de oito Inspetorias. Nas Inspetorias das Filipinas, da Tailândia e de Madrastra visitou algumas comunidades formadoras.

Participou com outros Superiores na "Visita conjunta", que se realizou em Hong Kong para as Inspetorias do Extremo oriente.

Em novembro, na Itália, fez algumas conferências.

A 9 de fevereiro deste ano, o Conselheiro para a Formação, por encargo do Reitor-Mor, reunia e presidia o CURATORIUM da UPS. Idem, a 4 e 19 de dezembro passado. O CURATORIUM é um organismo "paritético" de consulta, do qual o Reitor-Mor se serve como Grão-Chanceler para o governo da UPS. É composto de três Superiores do Conselho, isto é, os Conselheiros para a Formação, para a Pastoral Juvenil e para a Família Salesiana, do Delegado do Reitor-Mor para a Opera PAS, pelo Reitor da UPS e por três Decanos da UPS.

O argumento principal desses três encontros (ao último dos quais seguiu-se uma reunião com os Conselheiros Regionais) foi o do recrutamento do pessoal docente e técnico para a UPS, fixando os critérios e o iter e aprovando uma primeira lista de nomes a serem submetidos à aprovação do Reitor-Mor.

A já próxima preparação do próximo Capítulo Geral exige o cumprimento completo de tudo quanto o CG21 confiou ao Conselho Superior para um melhor e mais adequado serviço da UPS à Congregação e à Igreja. Uma das tarefas principais e mais urgentes (outras já foram cumpridas ou estão em vias de o serem) é precisamente o do recrutamento do pessoal docente e técnico e da sua internacionalização (CG21 ns. 352 [1.3.5], 359 [2.6.2], 364c).

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Na primeira década de outubro, o Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil esteve no Oriente, para a "Visita conjunta", participando nos vários encontros programados. Em Bombaim realizou-se uma reu-

não de quatro dias com os Inspectores, os Conselheiros e os Animadores de Pastoral Juvenil, para revisar e aprofundar alguns pontos: animação pastoral da Inspeção, papel do Conselho e da equipe pastoral, Projeto Educativo Pastoral. Foi a continuação de um encontro anterior, realizado há dois anos, em Madrastra, sobre o mesmo tema.

Em Roma, na Casa Geral, o P. João Vecchi participou, nos dias 19-23 de outubro, na reunião dos Conselhos Inspeccionais da Região Itália e Oriente Médio sobre o tema da animação da Inspeção. Logo depois esteve no encontro da Conferência das Inspeções da Itália, para trocar idéias sobre a estrutura regional de animação. Participou também nas reuniões de todos os Diretores, organizadas pela Região Italiana, em três turnos, na Casa Geral. Tratou com eles o tema da missão salesiana realizada na comunidade local.

A 26 de outubro iniciou-se no *Salesianum* o curso de Formação Permanente, destinado a agentes de Pastoral Juvenil, que havia sido proposto às Inspeções a 24 de fevereiro de 1981. O curso propõe-se focalizar os objetivos gerais da formação, percorrendo os conteúdos que dizem respeito à praxe e à inspiração pastoral. Nele participam quarenta irmãos, provenientes de trinta e quatro Inspeções e vinte e duas nações.

Estão chegando ao Dicastério as primeiras reações das Inspeções ao subsídio n. 4 sobre a pastoral vocacional. Aguardam-se outras.

O Conselheiro para a Família Salesiana

Além das atividades ordinárias e das reuniões de colaboradores

do Dicastério e do Secretariado para as Comunicações Sociais, devem assinalar-se alguns documentos e atividades relevantes do Conselheiro P. João Raineri para o período junho-novembro 1981.

30-31 de maio: Reunião dos Presidentes e dos Delegados das Federações Nacionais dos Ex-alunos Salesianos da Europa.

22 de junho: Inauguração do 1.º Simpósio Internacional dos Editores Salesianos, organizado pelo Secretariado para as Comunicações Sociais na S.E.I. de Turim. O P. Raineri fez uma relação sobre as atividades editoriais de Dom Bosco (cf. *Atos do Conselho Superior*, n. 302).

24-28 de junho: Reunião da Consultoria Mundial dos Cooperadores Salesianos, no *Salesianum* de Roma. A 2.ª sessão da Consultoria realizou-se de 24 a 28 de junho passado na Casa Geral. Estavam presentes 24 Consultores, vindos dos cinco continentes. Verificou-se o trabalho desenvolvido neste primeiro triênio quer pela Secretaria executiva, quer pelos Consultores; deu-se um olhar panorâmico à situação real da Associação nas Regiões, dialogou-se com o Conselho Superior, e sobretudo definiu-se o "Projeto de animação e coordenação dos Cooperadores Salesianos". Os *Atos* da Consultoria foram publicados no n. 40 do noticiário *Cooperadores*.

11-12 de julho: Reunião da Junta Confederada dos Ex-alunos para a preparação imediata do IV Eurobosco, em Lugano.

26 de julho — 1.º de agosto: participação no encontro dos Superiores com os Conselhos inspeccionais da Região ibérica em Martí Codolar Barcelona.

17 de setembro-12 de outubro: Viagem à Ásia com paradas:

17-19 de setembro: em Bombaim. Participação na reunião do Conselho Nacional indiano dos Ex-alunos para fixar datas, temas e modalidades do próximo Congresso asiático de 1984, e para a constituição do Escritório de ligação continental dos Ex-alunos da Ásia previsto pelo Congresso de Manila. Foram muitos os encontros com Delegados, Diretores, encarregados dos vários setores de atividades do Dicastério, entrega do crucifixo a três missionários indianos destinados à África: P. Cherian Palathumkal, Coadj. Dominic Padinjaparambil, Cooperador John William.

Os irmãos quiseram simpaticamente destacar o 50.º aniversário de profissão do P. Raineri.

20-22 de setembro: em Calcutá. Além das reuniões dos responsáveis da Família Salesiana, deve-se destacar o encontro com os Coadjuutores do Magistério, com a Comissão Catequética indiana e — em Krishnagar — com o Conselho Geral e numerosas Diretoras e Irmãs das *"Catequistas Missionárias de Maria Imaculada Auxiliadora"*, de Dom Laravore-Morrow, que apresentaram os resultados do seu último Capítulo Geral, no qual ficou decidida a adesão à Família Salesiana.

23-25 de setembro: Inspetoria da Tailândia. Reunião com o Conselho Inspetorial e com os encarregados para a Família Salesiana e para as Comunicações Sociais e os dirigentes dos Cooperadores e Ex-alunos, e encontro com a Superiora e a Vigária das *"Filhas da Realza do Coração Imaculado de Maria"*, fundadas pelo P. Carlos Della Torre, as quais manifestaram a

adesão do Instituto à Família Salesiana e apresentaram alguns problemas para a animação do Instituto.

27-30 de setembro: Delegação da Coreia do Sul: reuniões dos responsáveis pelos Ex-alunos e pelos Cooperadores, nas quais participaram Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e dirigentes leigos.

30 de setembro — 4 de outubro: Inspetoria do Japão. Além dos encontros com os responsáveis pela Família Salesiana, entre os quais as Filhas de Maria Auxiliadora, o P. Raineri estudou com o Inspetor, o Vigário e os responsáveis pela Editora Dom Bosco-Sha um plano de fortalecimento da atividade da editora fundada por Dom Cimatti. Em Tóquio houve também a reunião com o Conselho Geral e as Diretoras das *"Charitas Sisters"* de Miyazaki, fundadas pelo P. Cavoli.

5-11 de outubro: participação na "Visita conjunta" com os Inspetores do Extremo Oriente, com várias atividades de animação dos responsáveis da Família Salesiana.

17-19 de outubro: em Lugano, para o IV Congresso Europeu dos Ex-alunos, *"IV Eurobosco"*. Tratou-se o tema: "Com os jovens e pelos jovens na Europa", para a aplicação aos Ex-alunos do projeto educativo de Dom Bosco. A relação oficial foi apresentada pelo Dr. Domingos Volpi, Ex-aluno, jornalista e estudioso de problemas juvenis. Seguiu-se a reflexão sobre o compromisso dos Ex-alunos para uma presença dos valores cristãos na nascente unidade continental. A relação do Sr. Giuseppe petrilli seguiu-se uma "mesa-redonda" na qual participaram, além do próprio Dr. Petrilli, o Dr. Zambeletti. Ex-aluno, Comissário extraordinária-

rio para as zonas do Sul da Itália atingidas pelo terremoto, o Dr. Cotti, ministro, presidente do Governo Cantonal Ticinense, e o P. Raineri. Era moderador o jornalista, diretor da Rádio Suíça italiana, Dr. Giampiero Pedrazzi.

Estiveram no Congresso como delegados uns quarenta Jovens Ex-alunos, que deram vida aos trabalhos e contribuição notável de propostas construtivas. A 18 de outubro, pela tarde, reuniram-se os Presidentes e os Delegados nacionais dos Ex-alunos da Europa presentes ao Congresso, para discutir alguns pontos da organização dos Ex-alunos. Aos Delegados europeus do Congresso, uniram-se como observadores também alguns Ex-alunos Delegados da Ásia e da América. O Congresso encerrou-se a 19 de outubro, no santuário de Einsiedeln.

31 de outubro — 1.º de novembro: Reuniu-se em Roma a Secretaria Executiva da Consultoria Mundial dos Cooperadores para a redação dos *Atos* da reunião dos dias 25-28 de junho. Houve, depois, nos dias 7-8 de novembro, uma série de colóquios em Turim para os problemas da S.E.I., e, no dia 11, um encontro com os relatores da próxima semana de espiritualidade sobre as vocações na Igreja e na Família Salesiana, que se realizará em Roma nos dias 25-30 de janeiro de 1982.

De 15 a 16 de novembro, o P. Raineri esteve em Malta, onde reuniu o Conselho nacional dos Ex-alunos, os dirigentes dos Cooperadores e grupos deles, e falou aos irmãos sobre os vários aspectos da Família Salesiana, e interessou-se por uma incipiente atividade editorial e de comunicação social da ilha, concluindo sua visita com a "promessa" de quatro novos Cooperadores maltenses.

O Conselheiro para as Missões

A 4 de outubro, o Conselheiro para as Missões presidiu a função da entrega do crucifixo e do "adeus" aos missionários, na Basílica de Maria Auxiliadora, em Valdocco-Turim. Estavam presentes 21 dos 56 missionários que compõem a expedição deste ano. Entre esses 21 distinguia-se o grupo de 10 irmãos destinados a Madagáscar.

No dia seguinte (5 de outubro), o Conselheiro para as Missões partiu para o Equador, a fim de fazer a Visita Extraordinária ao Vicariato Apostólico de Méndez, aí ficando até 20 de novembro.

A 29 de novembro, esteve em Catania, onde 1.500 jovens participaram de um bem realizado encontro de "adeus" aos 4 irmãos sicilianos de partida para Madagáscar. Na tarde, a grande catedral da cidade encheu-se de imensa multidão de fiéis, especialmente de jovens, que quiseram assistir à entrega do crucifixo aos 4 irmãos e à concelebração eucarística presidida por dois Bispos com a participação de 120 sacerdotes.

O Conselheiro Regional para a América Latina - Atlântico

Os dois principais compromissos desses meses foram as Visitas Canônicas Extraordinárias às Inspeções de Recife, de 31 de julho a 20 de setembro, e Montevideu (Uruguai), de 23 de setembro a 8 de novembro.

A iniciativa mais rica de novidades foi a visita de nove dias a Angola, África, para acompanhar de perto os primeiros passos dos seis primeiros missionários sale-

sianos que se encontram nessa nação. O Conselheiro Regional esteve em Dondo e em Luená, onde estão surgindo duas comunidades salesianas, e também em Luanda, em Calulo e em Saurimo, onde os senhores Bispos pedem a nossa presença. Pôde verificar pessoalmente a extrema carência de pastores, a fé e a abertura do povo à Palavra de Deus, a grande quantidade de jovens e a grande pobreza em que se vive.

O Conselheiro Regional presidiu, além disso, a reunião da Conferência Inspetorial do Prata, em Asunción (Paraguai), de 1.º a 5 de setembro, e tomou parte nas celebrações do 50.º aniversário do Instituto Teológico Salesiano de São Paulo, a 10 de outubro.

O Conselheiro Regional para a América Latina: Pacífico - Caribe

Seu principal compromisso foi a Visita Canônica à Inspeção do Equador, de 26 de agosto a 4 de novembro de 1981.

Além disso, nas primeiras semanas de agosto encontrou-se com o Conselho Inspetorial da Inspeção do Chile, em Santiago; aproveitou também para tomar contato com as comunidades formadoras, com os formadores e com algumas comunidades de Santiago, Talca, Linares e Concepción.

Enquanto visitava o Equador, participou, juntamente com o P. Bernardo Tohill, no seminário de estudo sobre as Missões Salesianas na América Latina, que teve lugar em Quito de 18 a 24 de outubro. Esse encontro reuniu vários Bispos salesianos missionários, Inspectores e numerosos irmãos que trabalham nos territórios de missão con-

fiados à Congregação na América Latina.

Terminada a Visita Canônica, foi à América Central para contactar com os Salesianos que trabalham no Panamá, Nicarágua, Salvador e Guatemala.

Tempo notável foi dedicado ao Conselho Inspetorial reunido em San Salvador; depois a visita prosseguiu nas comunidades formadoras e nos estudantados da Guatemala. Teve também ocasião de dialogar com os Bispos salesianos que trabalham na Igreja desses países tão provados.

No México, última etapa da sua viagem, encontrou-se com os Conselhos Inspeccionais das duas Inspeções; depois visitou o novo Aspirantado para Salesianos Coadjuutores, organizado pela Inspeção de Nossa Senhora de Guadalupe em Coacalco. Conseguiu visitar os outros Aspirantados de Puebla e de Guadalajara. Parte importante de sua permanência foi dedicada ao encontro com os formadores das duas Inspeções e com os jovens salesianos em formação, tanto na Cidade do México como em Guadalajara.

A 20 de novembro regressou a Roma.

O Conselheiro Regional para a Região de língua inglesa

O Conselheiro Regional, P. Jorge Williams, assistiu a uma parte do curso interinspetorial de Formação Permanente em Maynooth (Irlanda), e presidiu a função de tomada de posse do novo Inspetor de Dublin.

Percorreu depois os Estados Unidos para discutir diversos problemas com os Inspectores. Em segui-

da, passou dez dias com os irmãos em Samoa, antes de chegar à Austrália, onde visitou todas as comunidades, exceto uma, e tratou de algumas questões com o Conselho inspetorial. Em seguida passou a Papua (Nova-Guiné), onde pôde visitar as duas comunidades e constatar pessoalmente o grande progresso que se fez.

De volta a Roma, passou de novo pelas Inspetorias de San Francisco, New Rochelle e Dublin para apresentar a nova "Ratio", na tradução inglesa, aos Conselhos Inspetoriais e a diversos grupos de irmãos. Na Grã-Bretanha pôde participar em duas reuniões para todos os irmãos da Inspetoria de Oxford.

Antes de regressar a Roma fez breve visita às comunidades de Malta.

O Conselheiro Regional para a Ásia

O Conselheiro Regional para a Ásia fez a Visita Canônica Extraordinária à Inspetoria de Madrasta (Índia), de 12 de agosto a 18 de novembro de 1981. Teve um intervalo de 22 dias, durante os quais acompanhou o Reitor-Mor na sua visita ao Japão, Coreia do Sul, Macau, Hong Kong, Taiwan (Formosa) e Tailândia. Durante esse intervalo participou na "Visita conjunta" com o Reitor-Mor e os outros Superiores em Hong Kong por seis dias.

Trataram-se os temas da Vida Religiosa, Pastoral Juvenil, Formação Salesiana, a Família Salesiana e os Meios de Comunicação Social.

Ao termo da visita, os Inspetores formularam algumas conclusões gerais a serem concretizadas depois

em suas Inspetorias, tão diversas uma da outra.

O Conselheiro Regional tomou parte também na celebração do 75.º aniversário da presença salesiana na China.

Durante a Visita Canônica a Madrasta, participou na abertura de um Congresso Mariano para agradecer à Auxiliadora as graças recebidas pela Inspetoria de Madrasta nos 75 anos da presença salesiana.

Tendo o Conselho Superior resolvido dividir a Inspetoria de Gauhati, fez a consulta para a escolha do Inspetor da nova Inspetoria. Fez também uma consulta para a escolha do Inspetor de Bombaim.

O Conselheiro para a Europa Central - Norte e África Central

Após haver participado nos Colóquios Salesianos de Barcelona, o Conselheiro para a Europa Centro-Norte e África Central fez, de 1.º de setembro a 4 de novembro, a Visita Canônica Extraordinária à Inspetoria do Sul da França. No mesmo período fez a consulta para a nomeação do Inspetor de Lyon.

Participou no 4.º Congresso Europeu dos Ex-alunos de Dom Bosco, que se realizou em Lugano, de 15 a 18 de outubro.

Logo depois presidiu, em Colônia, a Conferência Inspetorial de língua alemã.

A 13 de novembro dirigiu-se à Iugoslávia para uma visita às Inspetorias de Ljubljana e de Zagreb. Na Casa de Zelimlje, que comemorava o 10.º aniversário da sua inauguração, encontrou-se com os irmãos do pós-noviado, com os noviços e com os aspirantes.

Em Ljubljana Rakovnik, encontrou-se com os irmãos teólogos e presidiu a função litúrgica da profissão perpétua de cinco irmãos e comemorou também o 80.º aniversário da presença salesiana na Eslovênia. Presidiu também a reunião dos Diretores e dos Vigários das comunidades locais das Inspetorias eslovenas.

Antes de iniciar essa reunião, recebeu do Reitor-Mor a dolorosa notícia do acidente rodoviário acontecido em Bordeus a 14 de novembro. Nele perdeu a vida o Diretor de Gradignan, P. Max Badet; o Ecônomo inspetorial, P. Jacques Gateau, ficou ligeiramente ferido; e o Inspetor, P. Jorge Linel, estava tão grandemente ferido que se temia por sua vida.

Depois de breve contato com as Casas salesianas de Zagreb, interrompendo a sua visita na Iugoslávia, o P. Vanseveren dirigiu-se à França para manifestar a solidariedade da Congregação à Inspetoria de Lyon, tão duramente provada.

O Conselheiro Regional para a Região Ibérica

Durante os meses de agosto a novembro tomou parte na "Visita conjunta" à Região Ibérica, realizada em Barcelona, de 27 de julho a 2 de agosto. Juntamente com o P. Natali, participou no curso para Formadores da Região Ibérica, em Cuenca (Espanha).

Em Portugal, esteve presente à mudança de Inspetor. Pregou, em seguida, um curso de Exercícios Espirituais às Filhas de Maria Auxiliadora portuguesas, seguido de um curso de renovação para as Diretoras e os Conselhos locais.

Na Inspetoria de Bilbao, pregou também os Exercícios Espirituais

aos Salesianos. Junto com o P. Vecchi, participou nas "Jornadas sobre a Pastoral da Escola Salesiana", para Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora e colaboradores leigos, nas cidades de Barcelona, Valladolid, Sevilha e Lisboa.

Na cidade de Arouca (noviciado de Portugal) deu um curso intensivo para os formadores portugueses, que durou três dias; explicou a nova "Ratio institutionis et studiorum".

No noviciado de Mohernando pregou os Exercícios Espirituais aos novícios.

No mês de outubro presidiu a reunião da Conferência ibérica, após a qual tomou parte, em Lugano, no "Eurobosco 1981".

Na Casa da Central Catequética Salesiana de Madri promoveu reuniões para intensificar e orientar o andamento editorial daquela Central.

Visitou o Curso de Formação Permanente, em Campello, e todas as comunidades formadoras das Inspetorias de Madri, Valência, Barcelona, Bilbao e Portugal. Esteve presente também ao ato da entrega dos crucifixos aos seis missionários de Valência que partiram para o Málí.

Por fim, foi a Cabo Verde, para estar uma semana com os irmãos daquela ilha africana.

O Conselheiro para a Itália e o Oriente Médio

De 5 a 7 de agosto, o P. Luís Bosoni participou, em L'Aquila, num curso de atualização para irmãos da Inspetoria Adriática, e de 27 a 31 de agosto, no 7.º Congresso

do Movimento Juvenil Salesiano da Sicília, em Messina.

Naquela ocasião, teve a oportunidade de encontrar os Jovens Cooperadores da Ilha reunidos num "meeting", em Ema-Auxilium, e os Ex-alunos reunidos para os Exercícios Espirituais, em Zaffarana.

Em princípios de setembro encontra os jovens irmãos que em Roma-Salesianum se preparam para a Profissão Perpétua, em seguida dá posse aos novos Inspectores em Milão e em Turim, e preside, a 8 de setembro, a Profissão Religiosa dos Noviços de Pinerolo.

De 10 de setembro a 4 de outubro visita os irmãos Salesianos de algumas casas da Inspeção do Oriente Médio (Egito, Cisjordânia, Israel), tendo também ocasião de estar com algumas Comunidades das FMA e de visitar o Nuncio do Egito, no Cairo, e o Vigário Apostólico dos Latinos, em Alexandria. Em Cremisan inaugura o novo ano acadêmico.

De 9 a 10 de outubro encontra-se em Turim com os Delegados Inspeccionais para a promoção vocacional, a 11 participa, em Alexandria, na inauguração do novo monumento de mármore a Dom Bosco e em seguida visita a comunidade da Crocetta e do Noviciado de Pinerolo e algumas casas da Inspeção de Novara.

De 15 a 18 de outubro encontra-se com os Ex-alunos, em Lugano, para o Eurobosco.

A partir de 19 inicia na Pisana de Roma o Encontro dos Conselhos Inspeccionais da Região Itália-Oriente Médio sobre o tema da animação.

De 24 a 27 de outubro preside a Conferência das Inspeções Sale-

sianas da Itália, que estuda o tema da própria estrutura e atualiza o Regulamento. Foi importante, nessa ocasião, o encontro com o Prof. José De Rita, sobre as linhas tendenciais da sociedade italiana.

Após a eleição da nova Madre, tem a alegria de concelebrar, a 25 de outubro, com os Inspectores da Região e seus Delegados na Casa Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, presentes todas as Capitulares.

Sucedem-se os três Encontros dos Diretores da Região: 18/21 de novembro, 30 de novembro/3 de dezembro, 9/12 de dezembro. O tema estudado é: A Comunidade local como lugar privilegiado de Formação Permanente — O papel do Diretor na formação para a Oração, Comunhão, Missão.

Participa com todo o Conselho Superior, em Noce, nos Exercícios Espirituais, e, em Lecce, na Festa do Reitor-Mor, que, conforme uma tradição instaurada nestes anos, celebra-se agora ora nesta ora naquela Inspeção da Itália.

Está presente, em Frascati, ao Congresso Nacional dos Cooperadores Salesianos (6/8 de dezembro) e ao encontro dos Encarregados Inspeccionais da Comunicação Social e das Poliesportivas Juvenis Salesianas.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polónia

Atividades entre 1.º de agosto e 20 de novembro de 1981.

— Presidiu duas reuniões da comissão preparatória da primeira Conferência das Inspeções Salesianas da Polónia.

— Dirigiu a primeira Conferência das Inspeções Salesianas da Po-

lônia (= CISP) em Lutomiersk, de 13 a 16 de setembro.

A primeira CISP deliberou: o regulamento da Conferência; o programa interinspetorial da animação e da formação da Família Salesiana; o plano interinspetorial das edições salesianas; o Centro Missionário interinspetorial em Lodz, com o Diretor, P. Bronislaw Kant.

— Foi a Londres, entre 25 de agosto e 5 de setembro, para combinar, com o P. Bernard Tohill, o alojamento e curso de inglês para os onze irmãos sacerdotes missionários poloneses destinados a Zâm-

bia, e para assisti-los nos primeiros dias após a chegada.

— Encontrou-se com os quatro Inspetores da Polônia.

— Visitou as quatro Casas de formação da Polônia.

— Fez a Visita Canônica Extraordinária à Inspetoria do Sul da Polônia (PLS) de Cracóvia, de 29 de setembro a 12 de novembro.

— Participou nos festejos do centenário do nascimento do Card. Augusto Hlond, em Oswiecim (14-15 de novembro).

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Lembrança para 1982

TRABALHO E TEMPERANÇA

sejam para nós,
à escola de Dom Bosco,
testemunho ascético
de caridade pastoral
contestadora de um mundo
que promove o dissídio
entre amor e sacrifício.

**Carta do Reitor-Mor
à Família salesiana:**

UM ESTILO DE VIDA QUE CONTESTA O MUNDO

O P. Egídio Viganó propôs à Família Salesiana como "Lembrança para o ano 1982" o mote de Dom Bosco "Trabalho e temperança". Nesta carta de comentário à Lembrança, convida os amigos de Dom Bosco a traduzirem trabalho e temperança em atitudes concretas de vida, que contestem o mundo de hoje, impregnado de materialismo.

Queridos amigos da Família Salesiana, apresento com alegria a cada um de vós meus votos mais cordiais para o novo ano, na confiança de que o Senhor vos querará cobrir com sua graça. Apresento-vos — seguindo uma simpática tradição de família que remonta a Dom Bosco — a minha Lembrança, que para o novo ano baseia-se no binômio "trabalho e temperança".

1. Por que este argumento

A Lembrança nasce da preocupação da vocação salesiana, que temos em comum e realizamos de formas diversas no mundo. Quando olhamos a realidade de hoje — sobretudo a juventude, mas também todas as estruturas da nossa sociedade — salta aos olhos um estilo de vida impregnado de materialismo, inspirado quer nas ideologias liberais de um bem-estar sempre maior, quer nas coletivistas. Esse estilo de vida, muito difundido e todo marcado pela interpretação materialista da existência, vemo-lo refletido sobretudo nos jovens, e esse fato nos toca de perto. No centro da espiritualidade salesiana, da nossa vocação, encontra-se justamente o dom da predileção pelos jovens, uma preocupação de serviço à juventude. O elemento central da nossa vocação é a caridade pastoral, que nos estimula a agir. Perante o quadro inquietante da juventude, nosso "coração oratoriano" não pode manter-se passivo. Sentimos a urgência de fazer alguma coisa a serviço dessa juventude, de mudar o modo de ser de uma sociedade que faz do amor um elemento de prazer e de egoísmo, e do sacrifício um elemento negativo a ser evitado. Sentimos, pois, toda a urgência de *contestar uma sociedade* que não permite o desenvolvimento e a promoção da pessoa humana. O nosso trabalho em meio aos jovens deve fazer-lhes ver que esse dissídio, essa dicotomia entre amor e sacrifício, é um dos erros mais graves que se cometem na sociedade, e deve ser combatido com todas as forças.

Além dessas considerações, uma circunstância particular concorreu para sugerir a Lembrança. Transcorreu, em setembro passado, o centenário de um "sonho" singular de Dom Bosco, chamado "dos dez diamantes". Nele um personagem misterioso, envolto num manto ornado de diamantes, explica a Dom Bosco, com imagens sugestivas, qual deve ser a espiritualidade salesiana. Entre os diamantes, dois estão em posição destacada, bem à vista, e prendem todo o manto: o diamante do trabalho e o da temperança. Por ocasião do centenário, enviei, meses atrás, aos irmãos salesianos, um comentário do sonho, observando entre outras coisas que aqueles dois diamantes, ou seja o binômio trabalho e temperança, constituía, segundo meu modo de ver, a expressão de uma resposta salesiana contestadora de um mundo impregnado de materialismo. Diversos amigos escreveram-me sobre o argumento, e um deles sugeriu que seria muito atual usar para a Lembrança esse binômio. Aceitei a sugestão, muito oportuna, aliás.

2. Um lema e um estilo de vida

Vejamos como entender o binômio "trabalho e temperança". Em primeiro lugar, os dois termos devem ser tomados juntos, enquanto constituem o lema salesiano. Numa carta que Dom Bosco escrevia ao missionário P. Fagnano, em 1877, dizia: "Querido Fagnano, lembra sempre a todos os salesianos o monograma que adotamos: *Labor et Temperantia*. São duas armas com as quais conseguimos vencer tudo e todos".

Há ainda outro sonho de Dom Bosco, que foi chamado "do touro furioso", no qual o nosso santo ouve estas palavras: "Olha, é pre-

ciso que faças imprimir estas palavras, que serão como o vosso lema, a vossa palavra de ordem, o vosso distintivo. Guarda-as bem: *"O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação Salesiana"*. Farás explicar essas palavras, repeti-las-ás, insistirás nelas. Farás imprimir um manual que as explique e faça compreender bem que o trabalho e a temperança são a herança que deixas à Congregação, e serão ao mesmo tempo a sua glória".

Sabemos o valor dos "sonhos" na vida de Dom Bosco, a influência que tiveram sobre a espiritualidade e a praxe salesiana. Encontramos, pois, diante mesmo do lema salesiano, da herança que Dom Bosco nos deixou.

Vamos precisar como esse lema se tornou para nós estilo de vida. Uma primeira indicação: "quando falamos de trabalho e temperança, não empregamos esses termos com mentalidade moralista, como se indicassem dois pequenos meios para um vago empenho ascético. Não é isto. *Trabalho e temperança em sentido salesiano constituem um estilo de vida, que representa uma proclamação profética para uma nova cultura*".

Explico-me. Assistimos na história da Igreja a grandes mudanças culturais, por exemplo ao fim do império romano. Naqueles séculos deu-se a cristianização das populações transmigradas para a Europa de regiões distantes. Quando se realizou esse encontro de povos na fé, a cultura romana tinha ainda grandes qualidades, e também grandes defeitos. Ora, justamente nesses séculos surgiram na Igreja figuras excepcionais de santos — como Agostinho, Ambrósio, Paulino de Nola, Leão Magno etc. — que souberam assimilar na órbita do

cristianismo os grandes valores éticos da cultura romana, e souberam transmiti-los como elementos construtores da nova sociedade.

Ora, a mim me parece que também Dom Bosco pertence a uma época histórica de "fim de uma cultura" — que podemos chamar camponesa — na qual, nos séculos anteriores, haviam-se acumulado méritos e qualidades, fruto também da evangelização da Igreja. Essa cultura camponesa foi-nos bem descrita e esclarecida, por exemplo, no filme "L'albero degli zoccoli", no qual era fácil notar como o Evangelho impregnava o dia todo, a maneira toda de viver das pessoas, dos camponeses, do povo. Descobrimo-los nas raízes da história salesiana, por exemplo em Mamãe Margarida, nos ambientes em que viveu Santa Maria Mazzarello. Mais perto de nós, para quem já tem certo número de anos, basta voltar à mentalidade cultural impregnada de fé que encontramos nos anciãos da própria família.

Todas essas pessoas eram ricas de grandes valores vinculados com sua cultura popular. Entre eles é fácil descobrir justamente os valores fundamentais do trabalho e da temperança. Não se trata de dois pequenos instrumentos ascéticos em si, mas de atitudes fundamentais, em que confluíam grandes virtudes. Na realidade estes dois valores eram como as duas sólidas colunas que sustentavam então, nos nossos povos cristãos, a maneira de viver a própria cultura.

Ora, eu digo que esse estilo de vida, esses dois valores profundamente cristãos, levados aos altares por Dom Bosco e Maria Mazzarello, tornaram-se para os primeiros Salesianos — e devem continuar a sê-lo para nós — uma autêntica profecia para a nova cultura emer-

gente, uma proclamação viva de evangelização para esta nossa sociedade técnico-industrial, tão aberta ao trabalho mas tão deteriorada pelo materialismo e negadora da temperança. Em outras palavras, *as atitudes do trabalho e da temperança vividos juntos constituem para nós, para a Família Salesiana, um estilo de espiritualidade que nos torna profetas do Evangelho na nova cultura.* Isto é, portadores do testemunho que certos valores populares de ontem, inspirados no Evangelho, se podem e devem realizar plenamente também numa civilização tão dinâmica e utilitarista como a atual.

3. O trabalho em estilo salesiano

Vejamos, pois, como viver o trabalho em estilo salesiano. E desde logo observamos que ele, no seu sentido social e específico, é hoje um elemento central na nossa sociedade; os próprios Estados declararam-se "fundados no trabalho". Também o Papa, na recente encíclica "Laborem Exercens", fez uma análise profunda do trabalho humano, da sua problemática, das causas que levaram à manipulação da atividade humana e a tantas injustiças na organização da sociedade. Falamos aqui do trabalho num sentido salesiano. Interessamos-nos mais de perto a última parte da encíclica do Papa, onde se traçam as linhas de uma espiritualidade do trabalho, e se sugerem as atitudes cristãs da pessoa do trabalhador, a sua capacidade de aperfeiçoar com tal empenho a própria sociedade.

Para nós, da Família Salesiana, o trabalho torna-se a maneira concreta de viver a caridade pastoral. Ela é um dinamismo da fé, da esperan-

ça, do amor, traduzido em estilo de vida, em atividade. Nesta perspectiva, São Francisco de Sales falava de "êxtase da ação". Tentemos compreender seu profundo pensamento.

O salesiano é alguém que não vive para si mas para Deus, e por isso para os outros, que vê a necessidade sobretudo dos jovens, os seus problemas: é alguém que vive para a educação deles, o crescimento humano e cristão deles. E, portanto, olhando para o futuro, o salesiano trabalha para a construção da nova sociedade, porque para ela vai preparando "cidadãos honestos".

Estes vastos horizontes, o salesiano olha-os desde o centro da caridade pastoral, ou seja da união com Deus; contempla e descobre no amor de Deus a exigência de agir, lança-se pelo Senhor numa vida operativa, que é justamente o que São Francisco de Sales chama "êxtase da ação". Portanto, nada de egoísmos, mas viver ajudando os outros: o amor de Deus é a fonte do amor ao próximo. Olha-se para o Pai que tanto amou o mundo, que enviou o Filho, não para condenar o mundo mas para salvá-lo.

Trata-se, portanto, de um trabalho apostólico. Não necessariamente tal em forma direta (há também um trabalho que se realiza na cozinha, no estabelecimento etc.), mas que é, em última análise, um trabalhar pelos outros em Cristo, e que leva à busca criativa de "práticas de Caridade".

Esse trabalho faz do salesiano um homem sempre ocupado, sempre entregue aos outros, sempre inventivo, à busca de possibilidades de maior bem para os outros. Dom Bosco dizia: "Quando vejo ou ouço

que nas nossas casas se trabalha muito, vivo tranqüilo". Dizia também: "Onde há trabalho não está o demônio". Ele não olhava tanto os defeitos (que sempre existem), mas se havia muita dedicação em realizar as finalidades apostólicas pelas quais surgira uma obra.

Também nós devemos hoje olhar se nossas obras, as associações de Cooperadores, de Ex-alunos etc., e os membros que as compõem, realizam um intenso trabalho nesse sentido.

4. A temperança em estilo salesiano

Temperança traz logo a idéia de mortificação, feita de maceração e combate interior. Mas, ainda que ligada à mortificação, a temperança nela não se exaure. Dom Bosco queria a mortificação preferivelmente escondida, e, ao invés, queria a temperança bem visível, porque deve implicar, em quem a vive com caridade pastoral, uma atitude simpática e atraente. Com efeito, o fruto dessa temperança é uma capacidade tranqüilizante de domínio de si, de moderação, de equilíbrio. Segue-se de aí a "realeza" do batizado, que adquire o domínio de si.

Esse domínio é uma atitude necessária, porque todo homem tem instintos, inclinações, paixões e gostos pessoais. Como o salesiano deve empenhar toda a sua pessoa na atividade, seria erro imperdoável se o levasse a agir primariamente o tumulto da paixão ou as preferências de suas idéias, e não a caridade pastoral.

Requer-se, pois, a temperança para moderar instintos, inclinações, paixões, gostos e opções pes-

soais. Mas ela não aparece simplesmente como virtude isolada, e sim como centro de convergência de variadas virtudes. Por isso é chamada virtude “cardeal”, porque muitas outras se movem ao redor dela como ao redor de um eixo (*cardo*). Quais? Tentemos enumerá-las, e ficará mais claro o que vem a ser a temperança.

Por exemplo: a continência contra as tendências da luxúria, a humildade contra as tendências da soberba, a mansidão contra as tendências da violência, a modéstia contra a tendência ao exibicionismo do corpo, a clemência contra as tendências da crueldade e da vingança, a sobriedade e abstinência contra as tendências e excessos na bebida e na comida, a economia e a simplicidade contra as tendências do desperdício e do luxo, a austeridade no teor da vida contra as tendências do comodismo...

Tudo isso forma o que chamamos temperança. Resulta de aí um emprego da inteligência que guia a vontade a dominar o que é excessivo, os próprios ímpetos incontrolados, as paixões. Resulta — como fruto da capacidade de frear as próprias reações — um estilo de vida espartano, feito de sacrifício e de horário exigente, caracterizado por um sentido de medida e de equilíbrio, que tem efeitos benéficos sobre a psique dos jovens, sempre em ávida procura de modelos vários por imitar.

5. O efeito sobre os jovens

Inclui-se na temperança uma característica curiosa da espiritualidade de Dom Bosco, individuada pelo P. Rinaldi: a esperteza. Evidentemente não uma esperteza entendida como astúcia e capacidade de enganar, mas em sentido plenamente positivo e espiritual. Explíco-me.

É através do domínio de si que se conquistam as pessoas, particularmente os jovens. Em tudo o que faz, o salesiano deveria ser o homem que sabe fazer-se amar; não por si, mas por Deus. Ora, fazer-se amar requer também apresentar-se com certa simpatia, certa capacidade de atração. Pelo contrário, o que no educador é excessivo, incontrolado, passional, provoca sempre resistências. Assim, tudo o que ajuda o domínio de si, a moderar os inícios de excessos, é também o que nos abre a porta para o encontro com os meninos.

O domínio de si torna possível com os jovens a esperteza, que leva a intervir com moderação e oportunidade. Oportunidade não quer dizer intervir logo, mas saber esperar o momento exato. Muitas vezes, com os meninos, é preciso fingir que não houve nada, não se sentir ofendidos por um gesto ou uma palavra. E isso, não porque não se viu, mas porque é do interesse do jovem. O domínio de si leva dessa maneira a não pretender justiça, a obter reparações de ofensas à própria dignidade, mas a ajudar pacientemente o menino, que deve ainda amadurecer.

O P. Rinaldi queria que o salesiano fosse — a exemplo de Dom Bosco — “senhor de si também no brinquedo, comedido com o menino que o faz desesperar, capaz de calar e de dissimular, de falar no tempo devido, de ser... esperto”. Uma esperteza que se tornou possível pelo domínio, que torna o educador amável, e habilita-o à amizade que se encontra na base da educação.

Igual eficácia sobre os jovens alcança o exemplo do trabalho, quando brota da caridade pastoral. O jovem impressiona-se com uma pessoa que se preocupa com os outros,

que se ocupa de forma prática, ou seja, que faz, que não só deseja ou aconselha, mas intervém, resolve os problemas, arregaça as mangas. O nosso P. Rasmussen, encarregado de acompanhar as novas fundações missionárias na África, regressando estes dias da Libéria, contou que o que mais impressionou o povo do lugar foi ver os três missionários salesianos a construir a própria casa, como pedreiros... Assim acontece com o educador salesiano que se mostra preocupado com as associações juvenis, que organiza, põe os times em campo, promove cineforuns etc. Os jovens têm necessidade de ver esses salesianos criativos, cheios de iniciativa. Acreditam nesses homens sempre disponíveis, que não se preocupam com horários, esquecem as próprias comodidades, não se detêm diante de incômodos de saúde, expõem-se com generosidade.

São esses comportamentos, que nascem do trabalho e da temperança vividos em estilo salesiano, que contestam a sociedade de hoje, nas suas linhas gerais voltada para o aburguesamento. Mas é preciso *compreender bem o sentido dessa contestação*. Não quer dizer que o salesiano, ou quem toma Dom Bosco como modelo de vida, deve assumir explicitamente uma atitude contestadora, como para gritar de uma tribuna seu espírito de oposição ou rejeição. A contestação, ao invés, segue-se ao simples fato de que ele se empenha em fazer com que esse tipo de trabalho e de temperança se tornem atitudes habituais de vida, navegando contra a corrente do comodismo.

6. A todos bom ano e bom trabalho

Essas condições já se acham codificadas para os salesianos em

suas Constituições. O artigo 42, após haver lembrado as palavras do sonho "O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação", adverte-os do perigo contrário: "A busca de comodidade e conforto serão ao contrário sua morte". O Salesiano — continua o texto — "dá-se à sua missão com operosidade incansável. O trabalho apostólico é a sua mística, porque lhe percebe a grandeza divina e a urgência; é a sua ascética, porque lhe aceita as duras exigências. Está pronto a suportar o calor e o frio, a sede e a fome, as fadigas e o desprezo, sempre que se tratar da glória de Deus e da salvação das almas".

O salesiano sabe tudo isso, e então, todas as manhãs, ao renovar sua consagração ao Senhor pede a Nossa Senhora Auxiliadora "o amor ao trabalho e à temperança, a bondade e a doação ilimitada aos irmãos". Que Maria Auxiliadora dê a todos os amigos de Dom Bosco esses sentimentos.

A todos meus votos de empenho e eficácia na realização desta Lembrança, tão difícil mas tão útil para os jovens e para a sociedade.

Cordialmente, no Senhor: bom ano e bom trabalho!

P. Egídio Viganó, *Reitor-Mor*

5.2 A espiritualidade do animador

Palestra do Reitor-Mor aos Inspetores e Conselhos Inspetoriais da Itália e do Oriente Médio — ROMA, 23.X.81

O tema que me foi confiado é muito amplo. Deveria servir como

síntese para fechar os trabalhos da semana. Mas não participei diretamente dos vossos debates; não posso, pois, aproveitar os elementos enriquecedores e profundos que tratastes nestes dias e fazer uma síntese deles. Vós já a fizestes ou haveis de fazer.

Não sei quais são os pontos sobre os quais se concentraram mais intensamente os vossos interesses ou que haveis discutido. Desta sorte não apresento nenhuma contribuição, nem de esclarecimento, nem de tomada de posição. Venho de um exercício contínuo de animação; vivo da manhã à noite exercendo um "ofício" de animação. Cabe ao Reitor-Mor ser sobretudo um animador, é por ofício o primeiro entre os animadores na Congregação.

Ofereço-vos algumas reflexões, que partem da experiência cotidiana e que vos podem ajudar. Não têm pretensão alguma de serem exaustivas; são sugestões inspiradas na vida concreta.

Significado do tema

Primeiro que tudo vale a pena precisar em que sentido tratamos o argumento da "espiritualidade do animador".

a) *Começamos delimitando o conceito de "espiritualidade".* Eu penso que aqui se pode interpretar como a atitude religiosa que deve caracterizar o sujeito que faz a animação. Que atitude religiosa global deve ter o animador?

A palavra que talvez atinge o alvo no que respeito ao que quero dizer é "santidade"; sobre ela refletimos brevemente esta manhã na homilia. Mas é uma palavra que hoje pode provocar em alguns um bloqueio psicológico ou uma espé-

cie de rejeição cultural. De qualquer maneira é justamente o conceito genuíno de "santidade" que mais a fundo esclarece as características espirituais do sujeito que promove a animação. Procurarei descrevê-la em algumas atitudes concretas; são aspectos e convicções de tipo religioso que a mim me parecem indispensáveis no coração do animador.

Por "espiritualidade" não entendemos aqui uma área teológica de estudo, mas um conjunto de atitudes e de convicções pessoais que constituem, digamos assim, a fisionomia espiritual que caracteriza o animador.

b) *Agora, o conceito de "animador".* Parto do vosso ministério concreto para tentar ser bem realista. O animador de quem aqui falamos é o Inspetor ou um colaborador direto dele, membro do Conselho Inspetorial.

Mais que ficarmos a analisar a "autoridade" que tem esse animador, preocupar-nos-emos com sua "autoridade religiosa", ou seja com sua espiritualidade pessoal. Por isso não entramos agora, pelo menos nas minhas observações, nas relações entre animação e autoridade, que são profundas, muito importantes e interessantes; delas terei decerto falado nesta semana. Supomos aqui a consciência dos valores de serviço da autoridade religiosa.

Repito, quando digo animador, penso na autoridade de uma testemunha, portador e zelador de valores religiosos e espirituais, de um pedagogo no crescimento da santidade salesiana.

c) *Há, por fim, um terceiro conceito que se deve ter presente: "a vitalidade da Vocação Salesiana".*

Não foi expressa no título do tema, mas é evidente na própria constituição desta assembléia: vós mesmos, com o vosso ministério, encarnais este conceito. De que animação haveis tratado nestes dias? Certamente da vitalidade da vocação salesiana. Qual a competência, o âmbito, os horizontes em que se move o animador Inspetor ou Conselheiro? É o projeto de vida evangélica de Dom Bosco, descrito nas Constituições. É em tal campo que tem competência para prestar seus serviços a vossa animação; aí é que deve haver testemunho, competência e pedagogia.

A animação, de que falamos, exige uma espiritualidade que sirva para fazer crescer na Inspetoria a fidelidade a Cristo no espírito de Dom Bosco, o sentido de pertença, de participação ativa, de colaboração harmônica, de comunhão, seja na Inspetoria enquanto tal, seja nas Casas ou comunidades locais e em cada irmão.

Acredito que com estes três esclarecimentos fica suficientemente delineado o âmbito do tema a ser desenvolvido.

Minhas reflexões se referirão, portanto, a algumas condições que caracterizam a pessoa do animador salesiano a nível do Inspetor e dos seus colaboradores Conselheiros. Tratamo-las não como um problema "teológico", mas como um argumento de reflexão "espiritual".

Dez condições

Não vos assusteis com o número; serei breve e direi quase só os títulos. Refletindo e reunindo as várias condições, vi que eram muitas. Limitei-me a dez. Pode ser um número clássico que nos ajude a lembrar, como os dez mandamen-

tos ou os dez diamantes do sonho. São coisas conhecidas, mas parecem ter uma importância peculiar e concreta. Apresento-as com certa ordem, mas sem preocupações de prioridades lógicas ou ontológicas, assim como me vieram à mente.

1. A consciência feliz de ter um belo "ofício"

Entendestes? Estou pensando também no meu "ofício". Considerar a própria função de serviço como uma atividade de grande valor, bela, que vale a pena viver, entra nos planos providenciais do Senhor. O animador, pois, não deve ser uma pessoa complexada e problematizada; não deve ter atitudes de angústia e de medo. Deve sentir e demonstrar, ao invés, uma laboriosidade tranqüila, como de quem está contente com a sua vocação salesiana e com a obediência com que a vive. Creio que seria um mau animador quem se sente nervoso pelo seu cargo, preocupado em considerar sua função de Inspetor ou de Conselheiro muito difícil e elevada, superior às suas forças (mas...: "si isti et illi... cur non ego?"); por vezes alguns cresceram com certa mentalidade que faz do cargo um peso impossível. É preciso a simplicidade da humildade que é realismo e magnanimidade: sim, podes! o Senhor te ajuda.

Ter a "consciência feliz" de estar no lugar justo porque escolhido por Deus, de fazer uma coisa verdadeiramente possível e, além disso, bela, que vale a pena viver porque é útil à Igreja e aos irmãos. A primeira coisa, pois: nada de nervosismo artificioso. Tal atitude é espiritual, não é fruto de soberba mas de obediência, e coloca uma base muito prática para a espiritualidade do animador.

2. O "bom coração" e o "bom senso"

Uma segunda condição, intimamente vinculada à primeira, é viver o espírito do sistema preventivo no exercício do próprio ministério inspetorial. O que comporta o cultivo cotidiano do "bom coração" e do "bom senso" nas relações com os irmãos.

"Bom coração" é uma expressão simpática e familiar; descreve uma atitude salesiana que não deveria ser difícil, mas comum e quase espontânea, de quem procura compreender os irmãos, levando avante uma ação de família, procurando estar presente e acompanhar porque crê e ama, porque está interessado e é de casa, porque está colaborando com irmãos "maduros" (sim: é preciso partir da suposição de que todos o sejam; em cada caso, entretanto, procurará suprir o que eventualmente faltar); a convicção de que se tem de haver com colegas maduros ajuda a falar e a tratar com maior amizade, fazendo da animação uma atividade do coração.

A animação inspetorial funciona entre pessoas que escolheram livremente e em profundidade a vocação salesiana, igualmente empenhados na opção comum feita na profissão religiosa. Compreendo que haja exceções, mais ou menos numerosas, mas a animação deve ser pensada e projetada partindo da condição (que não é uma simples suposição) de comunhão e participação nos mesmos ideais escolhidos e vividos por pessoas adultas.

As dificuldades e as exceções não se devem medir com um sentido de tragédia, mas como defeitos humanos explicáveis, convencidos de que há um caminho do coração para resolver certos problemas.

O "bom coração" é característica salesiana que se deve começar a aprender desde o noviciado: ser bom com todos, a começar pelos próprios irmãos. E aqui não se trata de identificar bom coração com temperamento expansivo ou com ingenuidade e fraqueza. Todos compreendem que alguém possa ter um temperamento um tanto austero ou menos comunicativo ou mais reservado e até um pouco rude nas reações: não é questão de temperamento mas de espiritualidade. Percebe-se logo quando há "bom coração", quando não há distância, mas interesse, preocupação, sacrifício e afeto.

A cordialidade, no sistema preventivo, é sempre acompanhada pelo "bom senso". Não é fácil descrevê-lo, mas todos o compreendemos (... sobretudo quando falta!).

O "bom senso" é fruto de uma inteligência equilibrada e aguda, que percebe a importância das coisas e intui o enfoque dos problemas de acordo com a razão; implica também a coragem da franqueza sem solenidade, de modo a poder dizer-se a um irmão: "Isto não vai! Não vê, não percebe?"... e raciocina-se.

Fazer uma correção fraterna com "bom senso" não é coisa simples. O animador inspetorial deve, porém, saber fazê-la; não pode deixar passar nenhum defeito; o "bom senso" exige que saiba ver, com razoabilidade, que certas atitudes ou decisões (também nas Casas salesianas fazem-se coisas contra a razão), certas posições, são fruto de irrazoabilidade e falta de critério e de virtudes pessoais. O Inspetor com os seus Conselheiros deve saber levar às Casas aquele suplemento de alma que aumenta a razoabilidade na família.

3. A convicção íntima da presença vivificadora do Espírito Santo

Uma terceira condição, sem dúvida a mais fundamental, é a convicção íntima e inexpugnável da realidade vital da presença do Espírito Santo na Igreja, na história, na nossa vida pessoal. É a Ele que se refere o próprio nome de “animador”, enquanto é Ele próprio a “alma” da Igreja.

“Convicção”, não uma noção! Trata-se de uma “convicção” e não de uma noção aceita com abstração cerebral. Devo sentir-me bem convicto de tal presença, demonstrando-o na minha maneira de pensar e julgar, de discernir e programar.

Esta é a mais indispensável atitude de fundo: a feliz intuição cotidiana, inexaurível ao meu insistente olhar, da presença vivificadora do Espírito Santo na existência humana. O tema mereceria ser longamente tratado à parte pela sua importância e vastidão. Aqui apenas o indicamos como atitude fundamental do animador.

É a sua plataforma de lançamento, é a fonte da sua espiritualidade: a absoluta certeza de que existe o Espírito Santo, que age na história, que vive na Igreja como seu Templo, que influi na minha comunidade e na da Inspeção, que assiste o Papa, os Pastores e os Superiores.

O Novo Testamento apresenta-nos dois modos complementares da presença vivificante do Espírito Santo: São Paulo sublinha principalmente a sua inabituação na interioridade do coração; São Lucas, ao invés, põe em maior evidência a sua intervenção na história da Igreja, no evento de Pentecostes e

em outros acontecimentos eclesialmente importantes.

O animador deve saber perceber com agudez este segundo aspecto, não porque o primeiro não seja importante, mas porque é este o mais orientador na vida da comunidade. Portanto a convicção íntima de que falamos não se limita a um exercício de percepção da presença do Espírito Santo no nosso coração mediante os sentimentos e o crescimento da intimidade do diálogo com Deus. Tudo isso evidentemente se supõe. Mas é a convicção de que a história não é um labirinto sem significado ou um dever marcado fatalmente por determinadas leis evolucionistas; é, ao invés, a construção livre do crescimento do homem, cuja inteligência e cuja vontade são iluminadas e amparadas por especiais intervenções e propostas do Espírito do Senhor.

O animador deve saber descobrir nos eventos, no que acontece, nas aspirações dos povos, sobretudo nos sentidos e movimentos da Igreja, aquele suplemento de inteligência e de projeto para o futuro que são oferecidos pelo Espírito ao hoje da sua comunidade.

Os Atos dos Apóstolos sublinham sobretudo esta presença do Espírito Santo em dois eventos de “pentecostes”: o Pentecostes de Jerusalém, e o chamado Pentecostes de Cornélio; o primeiro fez a Igreja, o segundo indicou-lhe um caminho a trilhar. Pois bem, ao longo da história podemos perceber tantos outros eventos “pentecostais”: o Pentecostes do Vaticano II, o pequeno Pentecostes do nosso Capítulo Geral Especial; e depois os dons do Espírito na vida de determinadas pessoas que são criadoras de particulares órbitas eclesiais, como os carismas dos Fundadores:

têm nome, sobrenome, estilo de vida, peculiaridade de apostolado, um modo de ser na Igreja hoje, para mim e para a minha comunidade.

É preciso ter esta convicção. E isto para mim é o principal fundamento da espiritualidade do animador.

Uma espiritualidade, pois, que exige um sentido vivo da história de hoje, iluminada pelos raios da fé; uma espiritualidade que não é evasão, mas capacidade de investigar tudo o que constitui a realidade em que vive a comunidade, a Congregação e a Igreja. A mentalidade cultural de hoje privilegia a dimensão histórica no estudo da realidade humana. Mas não há sentido histórico mais agudo do que o demonstrado por quem sabe descobrir o Espírito Santo na trama dos acontecimentos: é um diamante preciosíssimo que não se deixa encontrar senão pelos garimpeiros que vivem de fé.

A convicção íntima, de que falamos, assegura no animador um robusto otimismo global de base, porque se a existência da Igreja está penetrada pelo Espírito Santo, se existem eventos concretos que posso consultar, nos quais se manifestam as orientações sugeridas pelo Espírito do Senhor, então eu sinto que me movo em horizontes para os quais se dirige todo um devir vitorioso, ainda que avance por entre graves dificuldades: "esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé"!

Como de outra sorte se poderia ser bons animadores num período de mudança cultural, quando a cultura, a sociedade e os ambientes em que se vive (mesmo do ponto de vista eclesial e pastoral) têm aquele tom de caducidade e insegurança que acompanham toda

mudança? Tudo parece abalar-se. Tudo, mesmo os grandes valores, sujeita-se a exame e pode ser reconsiderado. Quem crê na presença do Espírito tem a segurança de que esta reconsideração é para mais intenso e mais nobre crescimento e não para uma derrocada e um desaparecimento. O Espírito Santo infunde no animador o impulso e a inventiva do otimismo. Portanto quem possui a convicção íntima de sua intervenção não se torna jamais um profeta da infelicidade. Ao invés, um defeito que manifesta a não crença no Espírito Santo é a atitude pessimista de quem está sempre no caminho que leva ao cemitério; ouvem-se exclamar: "não somos capazes de superar esta crise... não há volta... a Congregação diminui... dentro de poucos anos tudo estará acabado...".

Compreendo que alguém possa confundir o Espírito do Senhor com a sua própria fantasia, caindo nas ingenuidades de um subjetivismo alienante, por vezes também ridiculamente superficial e até desequilibrado: será preciso saber fazer funcionar os sistemas e as antenas que ajudam a perceber com genuína verdade o Espírito Santo.

Olhemos para o primeiro animador da Igreja, o sucessor de Pedro. Eu me pergunto como o Papa animaria os crentes, se temesse que no ano 2000 a Igreja já houvesse concluído sua missão na história. Muito ao contrário, João Paulo II falou-nos do Advento do ano 2000, de um reflorescimento eclesial, de uma nova primavera após o sopro de Pentecostes do Vaticano II; está seguro de que o Povo de Deus tem diante de si um novo período de especial vitalidade, de urgente e indispensável serviço à humanidade, de original e integral libertação para os povos.

Uma semelhante atitude é precisamente a que deve ter o animador inspetorial. Essa atitude de crente otimista (a que aqui somente se alude) constitui o elemento mais caracterizador da espiritualidade do animador.

4. "O olhar da esperança"

Uma quarta atitude espiritual do animador, derivada da convicção íntima anterior, é uma constante visão de esperança. A presença do Espírito Santo na história faz nascer o bem: o Espírito é criador; fá-lo nascer pequeno: todas as coisas nascem pequenas, mesmo os elefantes. Faz nascer o bem pequeno em sementes que apenas se vêem; mas semeia-as de verdade. Na história há tanto bem; e numa hora de mudança há tantas sementes de bem. A esperança descobre-as e se sente convidada a colaborar para fazê-las crescer. Sim, somos convidados pelo Espírito a colaborar no desenvolvimento do bem.

O "olhar da esperança" ajuda primeiramente a descobrir as numerosas sementes de bem: na criação, na história, na vida da Igreja e da Congregação, hoje, muito bem semeado. É uma hora de renascimento, um tempo de primavera, uma estação em que as sementes começam a despontar nos canteiros. Algumas destas sementes serão talvez apenas lançadas no sulco; talvez se confundirão ainda com os grãosinhos de areia ou o pedregulho; mas estão aí; têm vida e germinarão.

Um famoso provérbio chinês, que citei várias vezes, diz: "faz mais barulho uma árvore que cai, do que um bosque que cresce". Bem: nós devemos ouvir o bosque a

crescer, porque há muito bem que vai crescendo. Não é, ao invés, bom animador quem sente somente o barulho da árvore que cai. Instintivamente se assusta e transmite temor e angústia aos outros; teme o que cai, mais que cultivar o que cresce.

Este "olhar da esperança" é particularmente importante hoje, porque o ambiente cultural está impregnado de um exercício setorial de crítica sustentado por certas ideologias sobretudo sociológicas. Certos pensadores e muitos programas da comunicação social guiam (e manipulam) a opinião pública, habituando-a a ser sensível somente a determinados males sociais, o que não funciona no País, as injustiças econômicas, as estruturas erradas, as diferenças de classe, encaminhando tudo para a rebelião e a luta. Enchem a cabeça com uma espécie de psicologia parcial do mal, que exaure em si toda a capacidade de crítica. Assim a crítica se torna somente negativa, porque tem sensibilidade somente para um determinado mal a ser erradicado.

Contra semelhante doutrinação é preciso reagir, cultivando cotidianamente o sentido realista do bem, porque o animador deve ser, digamos assim, um "cultivador direto" e não um propagandista da luta de classe. O animador inspetorial desenvolve em si mesmo a psicologia de um construtor do bem. Está convencido de que existe muito bem, descobre-o e ajuda-o a desenvolver-se com todos os meios. Além disso aprenderá também o "ofício" de exorcista, dedicando-se com inteligência a exorcizar o pessimismo de certos irmãos.

Assim como o verdadeiro otimismo vem do Espírito Santo, no mesmo sentido pode-se dizer que o pessimismo procede do diabo, inimigo

da presença de Deus, criador e redentor. Além de uma teologia da esperança, há também uma metafísica da esperança; ela pode exprimir-se com a seguinte afirmação: o bem é mais abundante e mais forte que o mal, sempre, em qualquer momento da história e em qualquer região da terra! Nossa principal tarefa é descobri-lo.

Repito: o bem é mais abundante e mais forte que o mal, não só teologicamente, mas também aos olhos da sã razão.

Eis: o "olhar da esperança" não é uma atitude muito fácil; existe inteligência, fé, dedicação e oração. Evidentemente é uma maneira de julgar totalmente distinta da do mundo: na vida de Cristo, se na sexta-feira santa alguém houvesse dito que o bem era mais forte que o mal, pareceria à primeira vista uma afirmação irônica; entretanto, também ali, antes, sobretudo ali, era extraordinária e paradoxalmente verdadeira.

5. "A busca profética" da novidade

Uma quinta condição para uma espiritualidade atual do animador é a inserção dos valores permanentes na novidade emergente.

Não penseis que andei procurando palavras estranhas. Não, não; e me explico.

O animador deve insistir sobre os valores permanentes, que são a grande manifestação das iniciativas de Deus na história. Deve saber falar sempre em forma atraente do Evangelho e da Páscoa do Senhor. Mas deve fazê-lo traduzindo a Bíblia e a Tradição em "mensagem" para hoje. Por isso quis usar a fórmula "busca profética", que é a atitude de quem se sente

enviado a proclamar verdadeiras novidades.

Ora, o significado desta busca profética não é o capricho de querer ser original e procurar a novidade pela novidade, como se tudo o que é novo, pelo simples fato de ser novo fosse válido. Nunca! A tarefa não é procurar a novidade como um absoluto; mas esta: saber procurar a novidade como expressão atual mais compreensível da proclamação dos grandes valores evangélicos que já conhecemos; porém, que hoje se deve saber proclamar com uma atração verdadeiramente nova.

Tomemos um dos aspectos cristãos menos simpáticos ao mundo de hoje: a mortificação. Se falo da mortificação como se fazia ontem, com uma antropologia quicá docotômica, sem os notáveis aspectos novos emergidos nos sinais dos tempos e aprofundados pelas ciências do homem, sem nenhum conhecimento do processo de personalização e de aprofundamento dos valores somáticos, não saberei falar da mortificação evangélica de maneira nova e, então, me exponho a não saber fazer dela um meio indispensável de promoção da personalidade cristã. Repetirei afirmações ouvidas muitas vezes, mas que agora não têm nenhuma influência e nenhuma capacidade de sacudir os corações.

Então, queridos irmãos, abre-se aqui um vasto panorama de profecia: tudo o que constitui a vocação salesiana e da qual ouvimos falar no Noviciado tem hoje exigentes aspectos de novidade. Devo descobrir qual a dimensão justa da novidade que é exigida, em que consiste tal novidade e por que é mesmo um aspecto novo. Só assim, com esta busca profética da novidade, poderei profetizar validamen-

te para hoje os grandes valores permanentes, por exemplo, da mortificação.

Portanto: o animador cultive com cuidado e constância uma mentalidade em que haja de maneira equilibrada o sentido da novidade cultural emergente. A luz dessa novidade cultural, repense em profundidade os valores permanentes do patrimônio evangélico e relance-os com uma linguagem acessível ao homem de hoje.

Compreendo, entretanto, que aqui surgem grandes dificuldades; mas é normal que numa mudança cultural apareça também o fenômeno significativo de uma mudança de nomenclatura. A nova linguagem mostra-se difícil para muitos. Mas nesta hora cultural é mais urgente ser novos, que ser fáceis. Novos, não pela vanglória da originalidade ou da moda, mas pela preocupação de dar uma resposta válida aos desafios de hoje.

Falei-vos de novidade cultural; nela há um desenvolvimento especial de uma novidade antropológica. É um campo delicado, com novos ângulos, que faz constatar uma verdadeira "virada antropológica". Quantas ciências a iluminam! Apliquemos suas conquistas, por exemplo, ao relançamento do sistema preventivo e dos valores que nele se contêm; eles têm hoje uma ressonância antropológica que não havia nos tempos de Dom Bosco. Se o animador não souber levá-los em consideração, não relançará nunca o sistema preventivo; ao contrário, fá-lo-á aparecer como antiquado e superado. Para falar vitalmente de "razão, religião e carinho" hoje, é preciso conhecer muitos elementos antropológicos (e também teológicos) novos que surgiram nestes anos. Portanto, a busca profética da novidade, de

que falamos, não é uma extravagância, mas é a inteligência e o gosto da atualidade da minha vocação, enquanto resposta viva aos desafios de hoje.

E depois, não há só uma novidade cultural e antropológica; juntamente com elas cresceu todo um repensamento teológico com uma sua não indiferente novidade eclesial. Também aqui se pode falar de uma verdadeira "virada eclesiológica". Então será preciso atualizar-se na eclesiologia conciliar e adequar a nossa pastoral às suas não poucas nem pequenas exigências.

Neste ponto há que repensar mais ou menos tudo, à luz de uma busca profética da verdadeira novidade. Quando e como uma obra apostólica deve ser renovada? Por exemplo, como fazer funcionar uma escola nossa segundo a novidade cultural e antropológica exigida pelos sinais dos tempos, e segundo a novidade eclesial lançada pelo Vaticano II? Acreditais que seja possível fazê-lo, sem intensa busca profética destes vários aspectos novos?

Para mim, a atitude de busca profética da novidade deve levar o animador a fazer descobrir e a querer na comunidade um projeto renovador, a fim de que a vocação salesiana apareça em cada uma das obras como um empenho atual que enfrente problemas urgentes. Para chegar a fazer isto, é preciso ter no coração uma espiritualidade profética acompanhada de não pouca competência cultural. Ser bons salesianos não é simplesmente uma lembrança nem simplesmente uma observância, mas é um sentir-se envolvidos seriamente numa pastoral voltada para o futuro. O Con-

cílio, os Sínodos episcopais, o Magistério do Papa, os nossos Capítulos Gerais, as orientações do Reitor-Mor com o seu Conselho, apresentam muitos subsídios de guia para esse empenho profético de justa novidade.

6. "O exercício da autocrítica e do discernimento"

Numa hora de mudança tudo é posto em discussão; há necessidade de muita agudeza crítica, na humildade, capacidade de reconhecer que se podem dar também passos falsos ou menos apropriados. Os tempos requerem que nos dediquemos à revisão de vida, à avaliação das obras, a projetar e reprojeter de novo a nossa pastoral, todos os anos, e talvez cada seis meses.

Isso comporta, de certa maneira, uma agilidade espiritual de contínua conversão. Uma qualidade que deve acompanhar o animador é a capacidade e a maleabilidade em repensar as coisas, de adequar-se, de ser inventivo, de reconhecer com humildade e objetividade quando alguma coisa não funciona etc. É importante saber fazer a autocrítica pessoal, para depois dirigir a autocrítica de uma comunidade. A autocrítica é acompanhada pelo discernimento no seu significado espiritual e evangélico.

Mediante o discernimento, o animador sabe procurar o que há de negativo, individuar com inteligente cuidado o que há de positivo, para depois colocar em confronto os dois aspectos com as exigências do Evangelho e projetar uma solução operativa de conformidade com as forças disponíveis.

7. "Uma séria reflexão da palavra viva e orientadora de Deus"

É outra característica fundamental para qualquer animador. A palavra viva e orientadora de Deus, a que estou aqui aludindo, não é só a Sagrada Escritura como livro, mas é também, e em primeiro lugar, a leitura viva da Sagrada Escritura por parte da Igreja na sua ação litúrgica com que ela consagra a história. Mas há ainda a Tradição e o Magistério, as grandes mediações que Cristo deixou ao Povo de Deus para orientá-lo e iluminá-lo.

Em todo este campo há hoje uma particular abundância de intervenções. Por exemplo: saiu agora a histórica Encíclica "Laborem exercens". Uma das nossas características próprias foi sempre a formação dos jovens trabalhadores; as Escolas Profissionais nasceram como uma realização privilegiada da vocação salesiana. Pois bem: esta Encíclica não dirá nada ao salesiano de hoje? Ela deve ser considerada como um material amado, estudado, procurado por parte do animador, que deve saber sugerir, sublinhar, esclarecer, concentrar a atenção sobre as conclusões educativas, de tipo social e eclesial, que dela derivam.

Penso que nestes anos há quase uma superabundância de orientações para guiar a reflexão sobre a palavra viva e orientadora de Deus. Se um defeito há a ser estigmatizado é o de certa surdez ou desleixo, a falta de atenção e de dedicação, desculpando-se com a falsa justificação da penúria de tempo. Não trouxe aqui o horário do P. Bonetti, quando diretor em Borgo San Martino, nos anos

1870-1877. É um documento interessante, que nos faz ver a preocupação de estudo que tinha um diretor da primeira hora, de manhã, à tarde e antes de deitar. É um exemplo de animador dos tempos de Dom Bosco.

Mas um Inspetor ou Conselheiro Inspetorial que diz não ter tempo para aprofundar com seriedade a palavra viva de Deus, traz consigo uma grave e perigosa carência que o irá enfraquecendo pouco a pouco na sua função de animador. Deixai-me dizer-vos uma dolorosa verdade ou convicção que tenho, meus queridos irmãos: um dos grandes defeitos da Congregação Salesiana, hoje, antes, para mim o mais grave de todos, é a superficialidade espiritual. Não se atravessa um tempo de transição tão crítico como o atual com superficialidade. Pois bem: no pólo oposto da superficialidade está a reflexão: meditar, estudar, reunir-se para aprofundar! O aprofundamento da Palavra viva e orientadora de Deus é tarefa diária e procurada de um animador válido.

8. "O estudo da originalidade espiritual de Dom Bosco"

Um aspecto da Palavra viva de Deus para nós é o carisma do nosso Fundador. Devemos reconhecer que nestes anos fizeram-se grandes progressos neste setor: menos mal! Mas, que o trabalho feito se tenha tornado patrimônio comum dos irmãos, é coisa bem diferente. Os progressos conseguidos nos Capítulos e nas orientações dos Superiores ou dos competentes nem sempre são comunicados de maneira conveniente e não são postos em circulação eficaz entre todos os irmãos.

Refiro-me sobretudo à originalidade espiritual de Dom Bosco, mais que à sua biografia ou à crônica da Congregação. Neste setor dos fatos, quase todos sabemos um pouco: quanto mais melhor! Mas eu me refiro à originalidade espiritual de Dom Bosco, à sua "experiência de Espírito Santo", ao seu carisma de Fundador. O que nele domina, ainda que aí possamos distinguir um duplo aspecto (espiritual e pastoral), é a "graça de unidade". Ou seja, que no espírito de Dom Bosco não é possível um dualismo ou uma dicotomia entre "espiritual" e "apostólico"; uma visão dualista desses dois aspectos não é salesiana; colocar o espiritual em contraposição ao pastoral e o pastoral em contraposição ao espiritual, vai contra a nossa especificidade vocacional.

Urge, pois, na obra de animação, um aprofundamento da espiritualidade salesiana; a sua capacidade de equilíbrio e de impregnação entre os dois elementos que estão, de per si, em tensão entre eles. De Dom Bosco perguntou-se quando rezava; mas respondeu-se, com razão, perguntando quando não rezava.

Assim também podemos perguntar acerca do sistema preventivo: quando faço a evangelização? Mas deve-se poder responder, perguntando quando não se faz. Mas, quando dizemos "evangelizar educando", que queremos significar? Infelizmente é muito fácil romper o equilíbrio da tensão entre promoção humana e evangelização, como também não é difícil romper o equilíbrio da tensão entre espiritual e pastoral.

Então o animador deve saber aprofundar a famosa "graça de unidade", da qual tão bem nos falou o Capítulo Geral Especial (CGE 127). É uma página que reputo

fundamental para a espiritualidade do animador salesiano.

Devemos ainda unificar equitativamente a organização e a pastoral. Sabemos todos que não é tão difícil (ao menos para nós) organizar: um pedagogo deve ser um bom organizador! O problema está em fazer com que a organização não absorva a pastoral, antes, que esteja totalmente a seu serviço, de tal forma que toda a atividade salesiana seja expressão de zelo apostólico: "da mihi animas"! Deve-se também unificar equitativamente a gestão econômica com as exigências da consagração religiosa (ainda que tenhamos visto... ecônomos transformados em magníficos inspetores!).

Em suma, o segredo da graça de unidade para o salesiano está em cultivar o primado absoluto, em nós, da caridade pastoral. Eis, então, toda a espiritualidade do animador a alimentar-se cotidianamente nas fontes características da caridade pastoral.

9. "A intensidade da oração pessoal"

É outra condição indispensável em todo animador. Não falo aqui de práticas de piedade, da observância da vida de oração da comunidade. Refiro-me somente à interioridade pessoal do animador. Assim, ao falar de intensidade de oração, quero indicar a concentração e o calor próprios do coração, no santuário interior da pessoa do animador. Sua maneira habitual de estar com Deus para ver as coisas da altura da fé, tornando-se assim um verdadeiro contemplativo; contemplativo não porque não vive uma vida engajada, mas porque a vive partindo continuamente da união com Deus.

O exemplo clássico desse tipo de oração é Maria. Nossa Senhora — diz-nos o Evangelho — considerava com sentido de adoração os grandes eventos e as pessoas da sua existência; não podia aprofundá-los sem pensar em Deus; conservava-os no seu coração, e assim vivia de contemplação. Esse tipo mariano de oração se nos torna familiar na reza do Rosário quando com Maria, Virgem e Mãe, contemplamos os mesmos acontecimentos — os quinze mistérios — sobre os quais deixamos correr a nossa fantasia e os nossos afetos, procurando ter os mesmos sentimentos de Nossa Senhora.

Uma oração assim não nos aliena da nossa existência cotidiana, mas nos ajuda a vivê-la em profundidade, em sintonia com o plano de Deus. Um animador, com efeito, deve cultivar permanente familiaridade com o luminoso mistério dos imperscrutáveis planos divinos. Assim o animador se habilita a discernir as sugestões da presença vivificadora do Espírito Santo nas várias e imprevisíveis situações da vida. Mas para ter uma adequada intensidade dessa oração pessoal, o animador tem necessidade de procurar para si, com suficiente frequência, tempos de deserto, de recolhimento, de estudo, de profundidade. Compreendestes, caros colegas?

10. "A intimidade com o mistério da Cruz"

A última condição que vos apresento é a íntima consciência do paradoxo pascal. Não há fugir: a maneira de construção do Reino de Deus na história segue um método de eficiência que não compreendemos: entretanto somos justamente

chamados a colaborar na construção desse Reino.

Cristo chama "sua hora", ou seja o centro de interesse de toda a sua existência histórica, a razão pela qual tinha vindo ao mundo, justamente o momento menos interessante para um olho humano, o da sua paixão e morte na Cruz.

Nós, homens de atividade e de organização, quereríamos talvez identificar a eficiência das obras com a eficiência do Reino. Mas Deus para resolver o maior dos problemas, o da salvação humana, escolheu estrada bem diferente cuja metodologia paradoxal à primeira vista nos assusta. O animador deve saber entrar pouco a pouco em intimidade com o mistério da Cruz. Fala-se hoje com muita facilidade da "realização da pessoa", com um tom aparentemente científico, que quereria fazer-nos esquecer o terrível realismo do Evangelho ("não se faça a minha vontade, mas a tua!...").

A pessoa se realiza num projeto histórico, que não coincide absolutamente com um conjunto de dados psicológicos; é um projeto que comporta necessariamente dificuldades, contradições, incompreensões, doenças, sofrimentos e morte; é um projeto ligado só em parte à minha liberdade, e dela exige, em última análise, que saiba amar até à doação da minha própria existência... É preciso, em suma, chegar até Deus para descobrir o grande arquiteto deste projeto. Crescer na fé e realizar uma personalidade cristã significa aprender a assumir existencialmente o mistério da Cruz.

A consciência íntima de tal mistério nos tornará dóceis à verdadeira vontade de Deus, sem fazer maravilhar-nos de nada que possa

acontecer, mesmo doenças, desgraças improvisas e catástrofe: entra na natureza do mistério da Cruz para a construção do Reino de Deus. Mais de uma vez não se saberá sequer o que dizer, como interpretar ou responder; mas saber inclinar-se diante do que conhecemos ser um elemento do plano de Deus e adorar a sua vontade é muito importante e certamente constrói espiritualmente mais do que exortações e programações.

Entramos aqui na parte mais obscura do mistério pascal, onde a iniciativa de Deus exige mais a nossa paixão do que a nossa ação. Para nós crentes é realmente mais importante a capacidade de sofrer do que a de agir, porque a paixão (assim a vemos em Cristo) implica uma iniciativa de Deus, a qual é sem dúvida mais importante que toda ação nossa.

São idéias terrivelmente profundas, mas genuinamente cristãs! Vemo-las resplandecer na Páscoa de Cristo. Quando chegar também a nossa hora e nos atinjam a nós ou nossos irmãos pessoalmente, então sentiremos seu grave peso e deveremos voltar-nos para o Calvário a fim de compreender-lhe o alcance salvífico.

Pois bem: na espiritualidade do animador deve haver um lugar privilegiado para a familiaridade com esse paradoxo pascal. A intimidade com o mistério da Cruz fará do animador um guia realista e precioso justamente nos momentos mais amargos. Esta espiritualidade imitará ainda uma vez a de Nossa Senhora no Calvário, lá, de pé, sob a Cruz, sem compreender muito, imagino, mas em profunda adoração, fonte de esperança ("contra spem in spem credidit!").

Concluindo

Vede como é exigente a espiritualidade do animador! Apresentei-vos dez aspectos que me pareceram especialmente significativos. Creio que vós podereis encontrar outros mais. Estes, porém, me parecem mais do que suficientes para sugerir-vos que atitudes de fundo deve cultivar um animador, o Inspetor ou o Conselheiro Inspetorial, para crescer cotidianamente na sua espiritualidade e tornar-se sempre mais útil aos seus irmãos. Numa palavra, como dizíamos esta manhã na homilia, trata-se de crescer na santidade salesiana.

5.3 Expedição missionária de 1981

1.1 A expedição missionária de 1981 é a 111.^a na história das nossas missões.

Do dia 1.^o de janeiro deste ano até 31 de dezembro já partiram ou estão para partir 56 novos missionários.

1.2 Fiéis ao compromisso do Capítulo Geral 21 de incrementar a nossa presença na África, 42 dos 56 missionários destinam-se à África.

1.3 PROVENIÊNCIA

1. AMÉRICA: 4 do Brasil; 1 respectivamente do México, Uruguai e Estados Unidos. Total: 7.

2. ÁSIA: 1 da Coreia, 3 das Filipinas, 4 da Índia. Total: 8.

3. EUROPA: 1 da Alemanha, 1 da Grã-Bretanha, 1 da Irlanda, 18 da Itália, 1 da Iugoslávia, 19 da Espanha. Total: 41.

1.4 DESTINAÇÃO dos 56 missionários.

1. ÁFRICA: 42. — Angola: 5; Benin: 5; Costa do Marfim: 3; Quênia: 4; Lesoto: 1; Libéria: 3; Madagascar: 12; Málí: 6; Ruanda: 1; Senegal: 1; Tanzânia: 1 — Um Cooperador Salesiano da Índia juntou-se como missionário voluntário aos nossos irmãos na Tanzânia.

2. AMÉRICA LATINA: 7. — Bolívia: 2; Chile: 1; México: 3; Peru: 1.

3. ÁSIA: 2. — Filipinas: 2.

4. OCEÂNIA: 5. — Pádua Nova Guiné: 3; Samoa: 2.

2.1 As três nações africanas que pela primeira vez abrem as portas aos Salesianos em 1981 são Angola, Madagascar e Málí.

2.2 Finalmente, e com muita alegria, podemos anunciar a chegada a Angola de 4 irmãos do Brasil e um do Uruguai. Um sexto irmão estará com eles no início de 1982. Os brasileiros vão para Angola, porque lá a língua oficial é o português.

2.3 A Inspetoria de Valência pôde iniciar duas novíssimas presenças no Málí, enviando para lá ultimamente 6 irmãos.

2.4 Aos dois primeiríssimos irmãos chegados a Madagascar, em janeiro de 1981, juntam-se agora outros dez, que partiram a 15 de dezembro da Europa para iniciar o estudo da língua malgaxe.

2.5 A contribuição de irmãos que a Congregação pôde oferecer à África desde o Capítulo Geral 21 até 31 de dezembro de 1981 é a seguinte:

1978: 17	1979: 18
1980: 51	1981: 42
Total: 128 irmãos.	

3.1 No próximo ano as Inspetorias de Sevilha e Córdoba iniciarão uma primeira presença em Togo.

3.2 As Inspetorias Subalpina e Novarense programam para 1982 fundações na Nigéria.

3.3 A Inspetoria Ligure está estudando o relatório de três irmãos que recentemente visitaram a diocese de Sangmelina, em Camarões. Prevê-se uma decisão para os primeiros meses.

5.4 Editores Salesianos: seminário internacional

Conclusões do 1.º Seminário Internacional dos Editores Salesianos

O seminário reuniu-se em Turim, de 21 de junho a 1.º de julho. Foi aberto pelo P. Raineri e com uma mensagem audiovisual do Reitor-Mor. Contou com 31 editores, pertencentes a 16 nações e 20 editoras. Foi o primeiro organizado pela Comissão Técnica Internacional dos editores salesianos, que opera no Secretariado para as Comunicações Sociais. A organização e a direção estiveram a cargo da SEI, cujos dirigentes alternaram-se nas comunicações. Foram, ao fim, tomadas as seguintes resoluções:

1. Como conclusão do 1.º Seminário Internacional de Formação dos Quadros Dirigentes das Editoras Salesianas, realizado em Turim de 21/6 a 1/7/1981, os participantes fazem votos para que, no espírito do Capítulo Geral Especial e do Capítulo Geral XXI e segundo as diretrizes do Reitor-Mor P. Egidio Viganó, se continue e torne cada vez mais eficaz o empenho de toda a Congregação no desenvolvimento das editoras salesianas no mundo.

2. Fazem votos para que esta presença seja considerada como

autêntico serviço da missão salesiana e seja revalorizada numa dimensão de modernidade e possa, por isso, cumprir sua missão de evangelização e promoção humana com a devida preparação profissional dos agentes salesianos e com os meios econômicos, financeiros e administrativos indispensáveis para uma penetração eficaz nas realidades profanas e religiosas do mundo contemporâneo, num planejamento internacional dos centros editoriais que favoreça a unidade das forças.

3. Agradecem ao senhor P. João Raineri, Conselheiro da Família Salesiana, e nele ao Conselho Superior, o impulso dado nestes anos; agradecem aos Inspetores a sensibilidade demonstrada ao favorecerem o Seminário de Turim; e pedem que se aperfeiçoem sempre mais as estruturas para a coordenação e a colaboração. Para isso julgam ser indispensável o prosseguimento do trabalho da Comissão Técnica Editorial Internacional nomeada em Caracas, com a inclusão de representantes das editoras de todos os continentes, para desenvolver um plano de trabalho válido, no âmbito do Secretariado Geral das Comunicações Sociais.

4. Consideram úteis e importantes, para a criação de uma comunidade de trabalho, os encontros entre diretores, que permitem a focalização de todos os incontáveis problemas e campos enfrentados pelo setor editorial: o escolar, o "vária", os centros culturais, os audiovisuais, os *mass media* (rádio, TV), os periódicos.

5. São profundamente gratos ao Reitor-Mor pela mensagem televisada que lhes enviou na abertura dos trabalhos, porque sentem toda a sua validade, importância e concretidade, e se empenham em

pôr em ação as estratégias, orientações e diretrizes a eles transmitidas.

Entendem — como pede o Reitor-Mor — “prosseguir seu trabalho com alegria, com fraternidade, no espírito salesiano, com visão profética, com visão de crescimento, com grande esperança”.

Turim, 1.º de julho de 1981

Bolívia (La Paz): Germán Herriéz Tardío. — *Brasil (São Paulo)*: Essetino Andreazza; Geraldo Leite Cintra. — *China (Taipei-Formosa)*: Peter Pomati. — *Filipinas (Makati-Metro-Manila)*: Gianluigi Colombo. — *França (Caen)*: Gouriou Julien. — *Japão (Tóquio)*: Santi Giuseppe. — *Itália (Turim)*: Francesco Meotto (SEI); Mario Filippi (LDC). — *Itália (Roma)*: Cavagnero Matteo. — *México (Guadalajara)*: Manuel Ruiz V. — *México (México)*: Enrique Zenil Nogueira; Alfonso J. Burciaga; Francisco Erdey. — *Polónia (Lódz)*: Prus Stefan; Kucinski Stanislaw; Lechochki Wiktor. — *Portugal (Porto)*: Pedrosa Ferreira; Elias de Jesus; João Machado. — *Paraguai (Asunción)*: Petris Arduino. — *Peru (Lima)*: Casimiro Kochanek; José Antonio López. — *Espanha (Barcelona)*: Carlos Garulo. — *Espanha (Madrid)*: Ramón Gutiérrez; Mena José Luis. — *Uruguai (Montevideo)*: Jorge Martínez. — *USA (New Rochelle)*: James L. Chiosso; James Hurley. — *Venezuela (Caracas)*: Gustavo Díaz; Julio Castro López.

5.5 Editores Salesianos: comissão técnica

Como resultado das orientações expressas pela Consultoria Mundial para as Comunicações Sociais, os Editores Salesianos convocados em Caracas pelo Secretariado Central para as Comunicações Sociais criaram, a título de experiência, uma Comissão Técnica de serviço, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento das Editoras Salesianas segundo o espírito e a missão que Dom Bosco confiou às suas Obras.

A Comissão está oficialmente confirmada e recebe seu mandato do Conselheiro Geral para a Famí-

lia Salesiana e as Comunicações Sociais. Está estruturada e ordenada segundo o seguinte regulamento:

1. A Comissão Técnica Internacional Editorial Salesiana (= C.T.I.E.S.) está constituída e opera no âmbito do Secretariado Central Salesiano para as Comunicações Sociais a serviço das Editoras Salesianas.

2. A C.T.I.E.S. é composta de 5 membros, propostos pela Assembléia dos Editores Salesianos e confirmados pelo Conselho Superior. Por ocasião das suas reuniões, a Comissão poderá convocar também outros Editores para o estudo de temas que requeira especial competência.

3. É tarefa da C.T.I.E.S. promover as atividades e iniciativas editoriais que são recomendadas pelo competente Dicastério, informar o Dicastério e o Conselho Superior sobre o estado, os problemas e os projetos dos Editores Salesianos e promover projetos de interesse comum.

4. A C.T.I.E.S. cuidará em particular de serviços de consulta e cursos de formação específica para o setor editorial salesiano, como a gestão financeira, econômica, comercial e técnica.

5. A C.T.I.E.S. convocará todos os anos a Assembléia dos Editores para o confronto das respectivas programações, a organização da distribuição e das várias formas de colaboração mútua entre os Editores Salesianos de todo o mundo.

6. O financiamento da C.T.I.E.S. e dos “serviços” por ela expressos está a cargo dos Editores Salesianos. Os custos serão divididos proporcionalmente durante a Assembléia.

7. Os membros da Comissão exercem seu mandato por 3 anos. Ao termo do mandato podem ser repropostos pela Assembléia.

8. A Editora Salesiana "SEI" de Turim encarrega-se, em nome do Secretariado Central para as Comunicações Sociais, da mútua informação entre Editores Salesianos por meio do periódico "Bollettino Editori Salesiani".

N. B. São membros do C.T.I.E.S.: P. F. Meotto (SEI), P. C. Garulo (Edebé), P. J. Chiosso (Don Bosco — Multimedia), P. R. Mañas (EDBA), P. R. Mendes de Oliveira (ESDB).

5.6 Solidariedade Fraterna (38.ª relação)

a) INSPETORIAS DAS QUAIS CHEGARAM OFERTAS

AMÉRICA LATINA

Brasil - Porto Alegre	550.000
-----------------------	---------

AMÉRICA DO NORTE

Estados Unidos - S. Francisco	348.000
----------------------------------	---------

ÁSIA

Índia - Calcutá	1.700.000
Japão - Tóquio	12.000.000

EUROPA

Itália - Meridional	2.000.000
Itália - Veneto Este (Udine)	1.000.000

<i>Total das ofertas chegadas entre 9.9.1981 e 4.12.1981</i>	17.598.000
--	------------

<i>Saldo anterior em caixa</i>	28.423
--------------------------------	--------

Quantia disponível a 4.12.1981	17.626.423
-----------------------------------	------------

b) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

AMÉRICA LATINA

Argentina - Bahía Blanca: para uma nova igreja	1.100.000
Brasil - Manaus: para o novo aspirantado	3.000.000
Brasil - Manaus: para uma nova igreja	1.100.000
Chile - Santiago: para material catequético	255.735

ÁSIA

China - Taiwan: para material catequético	154.744
Filipinas: para Tondo (do Japão)	5.000.000
Índia - Gauhati: Raliang - para a educação de jovens pobres	1.000.000

EUROPA

Iugoslávia - Ljubljana: para bolsa de estudos	2.000.000
Iugoslávia - Zagreb: para uma nova igreja	4.000.000

<i>Total das quantias entregues entre 9.9.1981 e 4.12.1981</i>	17.610.479
--	------------

<i>Saldo em caixa</i>	15.944
-----------------------	--------

<i>Total em Liras</i>	17.626.423
-----------------------	------------

c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNA

<i>Quantias chegadas a 4.12.1981</i>	1.302.379.507
--	---------------

<i>Quantias distribuídas na mesma data</i>	1.302.363.563
--	---------------

<i>Saldo em caixa</i>	15.944
-----------------------	--------

5.7 Ex-alunos: Eurobosco 81

Conclusão do IV Congresso EUROBOSCO:

Os Ex-alunos de Dom Bosco na Europa, reunidos no seu 4.º Eurobosco em Lugano, de 15 a 18 de outubro de 1981, reafirmada sua profunda comunhão no espírito do Santo Educador, propõem as seguintes conclusões.

1. Análises

As análises deste congresso revelaram que, na base de todas as dificuldades dos jovens, está a *ausência ou a imperfeição da comunicação*.

Escopo da comunicação entre os homens deve ser a *comunhão*, autenticamente humana e cristã. Isso comporta uma *disponibilidade* para a comunicação e o conhecimento dos processos e dos possíveis distúrbios da comunicação.

Comunicar, hoje, é difícil para todos, porque:

- a sociedade está cada vez mais fragmentada;
- faltam ocasiões, lugares de encontro para uma verdadeira comunicação interpessoal;
- as instituições já não sabem encontrar uma linguagem com a qual dirigir-se eficazmente aos destinatários;
- as novas técnicas de comunicação, em particular audiovisuais, criaram a exigência de uma nova “alfabetização” geral.

Esses aspectos das dificuldades de comunicação têm também, e sobretudo, uma dimensão especificamente juvenil.

Com efeito: a urgência que os jovens têm de comunicar leva-os a interpelar família, escola, sociedade, Igreja, para satisfazer essa necessidade. Entretanto, parece que essas instituições não têm parâmetros atuais de solução.

O adulto tenta, em boa fé, impor determinados esquemas derivados da própria experiência, não aplicáveis à nova geração; a nova geração não quer, ou não pode compreender que o adulto é feito *também* de sua experiência, da qual não pode ser separado.

Em períodos como o nosso, a maior velocidade na evolução econômica, social, cultural faz com que num período muito mais breve que no passado se criem rompimentos entre gerações.

Para que se realize uma verdadeira comunhão humana não basta evidentemente resolver os problemas “técnicos” da comunicação, mas ter presentes e difundir alguns valores fundamentais do projeto educativo salesiano válidos também para o futuro.

2. Princípios

— A pedagogia de Dom Bosco considera a juventude sempre positivamente; ela não é apenas uma idade de “preparação” ou de “passagem”, mas uma riqueza construtiva da sociedade e da Igreja;

é uma dimensão que caracteriza a existência humana;

é um tempo ativo e responsável de fé.

A atitude salesiana é a busca de sintonia com os jovens, “o amar o que eles amam”, e isso vale também se quisermos agir entre os jovens no espírito de Dom Bosco.

— “O carisma de Dom Bosco, disse João Paulo II na Universidade Salesiana em 1981, é a promoção do homem integral, isto é, a formação intelectual, moral e social realizada à luz do Evangelho”.

O projeto visa, pois, à maturação dos valores humanos, e em continuidade, ao desenvolvimento da dimensão religiosa e cristã. Quer a unidade da Pessoa, desenvolvendo a Fé como motivo vital.

— “Qual é o papel específico dos Ex-alunos nesse projeto? Quais as suas funções, a sua autonomia, a originalidade e a primeira importância do empenho que hoje é proposto por todos nós?”

— “A razão da nossa associação dentro da Família Salesiana é um “reencontro para *comunicar*”, para continuar ou para retomar um intercâmbio e um dom:

entre leigos e sacerdotes, entre leigos e religiosas, reencontrando ou renovando uma relação que não é de dependência, mas de descendência espiritual e de consonância;

entre gerações diversas; e, então, a atenção voltada para os jovens, a necessidade de formar uma família dos Ex-alunos que evite a formação de grupinhos distintos por idade ou por cursos escolares, amalgamando realmente a todos;

entre classes sociais diversas e entre pessoas que desempenham papéis diversos na sociedade, para que cada um medite como melhor servir o Senhor, no espírito de Dom Bosco, na realidade concreta da sua profissão;

entre pessoas que, depois de poucos ou muitos anos, percorreram seu caminho, têm uma história pessoal própria, acreditam ainda em determinados valores, mas

correm o risco de ficar isolados, sozinhos, dispersos”.

3. Compromissos

Os Ex-alunos, na sua qualidade de movimento de *educação e auto-educação permanente, têm uma tarefa insubstituível na edificação da comunhão através da comunicação.*

O Congresso Eurobosco 81, com particular referência à situação européia, individualizou esses objetivos, como prioritários:

— Programar e elaborar *novas formas de presença apostólica* que tornem possíveis diversas atividades de catequese e a colaboração na evangelização.

— Criar *lugares de encontro* para os jovens europeus, como vilas de férias, centros de estudo, de reflexão, de intercâmbio de experiências culturais e de fé, criando um organismo que execute essa opção; dever-se-á além disso fazer uma lista de Casas disponíveis.

— Promover “*gemellaggi*” entre *Federações* da Europa ocidental e Federações da Europa oriental, sob o signo de Bento, Cirilo e Metódio, empenhando cada uma das Federações Nacionais em aprofundar e estudar tempos e modos para a realização concreta do compromisso, notificando-os o mais breve possível à secretaria confederal.

— Difundir a *idéia da comunhão* em particular entre as diversas Federações, ajudando os membros das que têm menores disponibilidades econômicas a participar em encontros internacionais.

— Predispor *centros de orientação* profissional, onde seja favorecido o contato direto entre Ex-alunos já inseridos no mundo do

trabalho e os jovens que vão enfrentar essa realidade.

— Favorecer as intervenções dos Ex-alunos na escola, a fim de que possam comunicar aos jovens suas experiências de vida e envolvê-los progressivamente na associação de Ex-alunos.

— Promover a inserção dos Ex-alunos no corpo docente das Casas salesianas, a fim de que eles possam melhor testemunhar às novas gerações os frutos da educação salesiana.

— Instituir cursos de “alfabetização” para enfrentar, consciente e criticamente, as novas linguagens audiovisuais.

— Oferecer ajuda da parte das Federações Europeias de Ex-alunos Salesianos de países que recebem imigrantes, em favor da juventude em geral e em particular dos eventuais Ex-alunos imigrantes.

— Colaborar estreitamente, e nas diversas iniciativas, sobretudo com as *Ex-alunas das Filhas de Maria Auxiliadora*.

— Realizar, em todas as formas, em todos os níveis, e com a maior incisividade possível, um *envolvimento dos Ex-alunos nas estruturas da Família salesiana*, como parte integrante e responsável dela.

— O Eurobosco 81 propõe ao próximo Capítulo Geral dos Salesianos estudar a maneira de coordenar com um plano realista os diversos grupos da Família Salesiana com o fito de facilitar a realização das conclusões dos diversos Congressos e Reuniões.

— Propor aos Ex-alunos já empenhados que *façam parte da Associação dos Cooperadores Salesianos*, mesmo continuando a trabalhar na animação dos Ex-alunos (*Doc. Anexo*, Art. 5, 3A, ef).

5.8 Nomeações

Novo Bispo Salesiano

L'Osservatore Romano de 9 de dezembro de 1981 publicava a notícia da nomeação de *Dom Vitório Pavanello* para Bispo de Corumbá (Brasil).

Dom Pavanello nasceu em Presidente Getúlio (SC - Brasil), a 20 de janeiro de 1936. Emitiu os primeiros votos na Congregação Salesiana em Pindamonhangaba, em 31 de janeiro de 1957, e recebeu a ordenação sacerdotal em São Paulo, das mãos de Dom João Resende Costa, a 31 de julho de 1966.

Escolhido, em 1971, para Diretor do Liceu Coração de Jesus, em São Paulo, passou, em 1976, a dirigir a casa do Noviciado de Pindamonhangaba. Após a transferência do Noviciado para São Carlos (SP), Dom Pavanello tornou-se, em 1978, Diretor e Mestre dos Noviços.

O novo Bispo sucede a Dom Onofre Cândido Rosa, transferido para a nova diocese de Jardim (MS):

Com Dom Pavanello sobem a 14 os Bispos salesianos atualmente no Brasil.

5.9 Irmãos falecidos

“Conservamos a lembrança de todos os irmãos que repousam na paz de Cristo. Trabalharam em nossa Congregação, e muitos ainda sofreram até o martírio (...). Sua lembrança é para nós estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. art. 66).

L Arevalo Giuseppe (SSE) a. 74	* Fregeneda (Spagna)	16.01.07
	S. José del Valle (Spagna)	08.09.27
	† Salamanca (Spagna)	10.08.81
P Badet Max (FLY) a. 52	* St-Marcel-d'Ardèche (Francia)	06.07.29
	La Navarre (Francia)	04.09.55
	Lyon (Francia)	01.05.65
	† Bordeaux (Francia)	14.11.81
P Baginski Franz (AUS) a. 73	* Rummy (Germania)	31.12.08
	Ayagualo (El Salvador)	14.02.34
	Santa Tecla (El Salvador)	23.09.44
	† Fulpmes (Austria)	27.09.81
L Bechelli Giuseppe (ILT) a. 68	* Pieve Fosciana (Lucca)	11.11.13
	Varazze (Savona)	08.09.38
	† Pietrasanta (Lucca)	12.11.81
P Carballo Salomone (CAM) a. 74	* Estanzuelas (El Salvador)	30.05.07
	Ayagualo (El Salvador)	08.12.34
	San Salvador (El Salvador)	18.12.37
	† San Salvador (El Salvador)	20.09.81
P Carboni Lucio (MOR) a. 69	* Osio Sopra (Bergamo)	23.03.12
	Cremisan (Israel)	22.11.33
	Gerusalemme (Israel)	19.07.43
	† Treviglio (Bergamo)	23.11.81
L Cascante Ruffino (CAM) a. 87	* S. Francisco de Heredia (Costa Rica)	18.11.94
	Ayagualo (El Salvador)	24.06.19
	† Panamá	31.10.81
P Cavalla Costanzo (INE) a. 74	* Villafranca (Asti)	20.10.07
	Bang Nok Khuek (Thailandia)	19.12.29
	Banpong (Thailandia)	26.01.36
	† Casale (Alessandria)	03.10.81
E Chaves Orlando a. 81	* Campina Verde (Brasile)	17.02.00
	Lorena (Brasile)	28.01.19
	Torino	10.07.27
	† Cuiabá (Brasile)	15.08.81
	<i>Fu Ispettore per 7 anni Vescovo di Corumbá per 8 anni Arcivescovo di Cuiabá per 25 anni</i>	

P Daly Thomas (GBR) a. 86	* Blantyre (Gran Bretagna)	11.02.95
	Cowley (Gran Bretagna)	17.09.21
	Torino	10.07.21
	† Aberdour (Gran Bretagna)	18.07.81
L D'Ardes Luigi (IME) a. 69	* Casalnuovo Monterotaro (Foggia)	28.03.12
	Napoli Portici	08.09.34
	† Bari	19.10.81
P de la Torre Alfonso (MEM) a. 40	* S. Francisco del Rincon (Messico)	14.11.40
	Coacalco (Messico)	16.08.58
	México (Messico)	30.03.68
	† México (Messico)	24.01.81
P Falcier Domenico Giov. (IVE) a. 67	* Fossalta di Piave (Venezia)	03.10.14
	Este (Padova)	15.09.32
	Padova	29.06.40
	† Mogliano Veneto (Treviso)	21.02.81
L Fusari Delmo (INE) a. 69	* Domodossola (Novara)	14.03.12
	Borgomanero (Novara)	09.09.32
	† Novara	22.10.81
L Galizia Luigi (ISI) a. 76	* Mazzarino (Caltanissetta)	29.06.05
	Varazze (Savona)	19.09.35
	† Palermo	03.11.81
P Gorgoglione Giuseppe (IRO) a. 74	* S. Giovanni Rotondo (Foggia)	13.07.07
	Genzano (Roma)	12.09.23
	Grottaferrata (Roma)	25.06.32
	† Roma	12.10.81
P Hernández Cristino (SSE) a. 78	* Barruecopardo (Spagna)	08.03.03
	S. José del Valle (Spagna)	10.09.20
	Sevilla (Spagna)	21.05.32
	† Badajoz (Spagna)	17.06.81
S Jaskólski Marek (PLS) a. 27	* Gróciec (Polonia)	05.02.54
	Kopiec (Polonia)	19.08.73
	† Kolobrzeg (Polonia)	25.08.81
L Jopp Klemens (PLE) a. 75	* Gorzewo (Polonia)	13.09.06
	Gzerwinsk (Polonia)	27.07.31
	† Lutomiensk (Polonia)	12.11.81
P Ladwik Alojzy (PLS) a. 76	* Trzemesna (Polonia)	11.09.05
	Klecza Dolna (Polonia)	07.08.22
	Lódz (Polonia)	19.07.31
	† Pogrzebien (Polonia)	11.11.81
P Le Boulch Adolphe (FPA) a. 71	* Pont-Scorff (Francia)	05.01.10
	La Navarre (Francia)	14.09.30
	Torino	02.07.39
	† Issy-les-Moulineaux (Francia)	29.09.81
	<i>Fu Ispettore per 12 anni</i>	

P Leodolter Leopold (AUS) a. 79	* Kattenbach (Austria)	04.11.02
	Ensdorf (Germania)	08.09.23
	München (Germania)	17.07.32
	† Eisenstadt (Austria)	22.11.81
L Loi Efisio (IRO) a. 59	* Ussassai (Nuoro)	22.11.22
	Roma	01.11.45
	† Cagliari	28.05.81
L Marchetti André (FLY) a. 52	* Beyrouth (Libano)	09.03.29
	La Navarre (Francia)	14.09.53
	† La Crau (Francia)	25.10.81
P Mariotto Ettore (IRO) a. 75	* Este (Padova)	10.01.06
	Napoli-Portici	08.12.30
	Torino	08.07.34
	† Roma	04.03.81
L Martínez Pedro (SBA) a. 85	* Zaragoza (Spagna)	08.06.96
	Madrid (Spagna)	28.07.15
	† Barcelona (Spagna)	14.08.81
P McCluskey Daniel (IRL) a. 73	* Manchester (Gran Bretagna)	21.12.07
	Cowley (Gran Bretagna)	14.09.29
	Torino	03.07.38
	† Cape Town (Sud Africa)	14.10.81
L Mendoza Clarencio (VEN) a. 69	* Cubiro (Venezuela)	12.08.12
	Los Teques (Venezuela)	19.09.36
	† S. Antonio (Venezuela)	31.08.81
P Mihelic Silvester (AUS) a. 76	* Trieste (Italia)	14.12.05
	Radna (Jugoslavia)	10.08.24
	Torino	08.07.34
	† Tainach (Austria)	22.09.81
P Monserrat José (SSE) a. 89	* Posadas (Spagna)	06.08.92
	Sevilla (Spagna)	26.11.08
	Sevilla (Spagna)	22.09.17
	† Cadiz (Spagna)	10.08.81
L Mückstein Franz (AUS) a. 71	* Biala (Polonia)	18.07.10
	Fulpmes (Austria)	29.08.35
	† Graz (Austria)	11.11.81
P Olmedo Francisco (SSE) a. 72	* Sevilla (Spagna)	31.07.08
	S. José del Valle (Spagna)	10.09.25
	Madrid (Spagna)	15.06.35
	† Carmona (Spagna)	12.01.81
L Puente Juan (ECU) a. 70	* Sigsig (Ecuador)	22.12.12
	Quito (Ecuador)	21.09.29
	† Paute (Ecuador)	11.11.81
L Rampf Ernst (GEM) a. 72	* München (Germania)	24.03.09
	Ensdorf (Germania)	15.08.30
	† München (Germania)	02.09.81

78 ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

L Roldan Agapito (SMA) a. 85	* Horcajo de Santiago (Spagna)	25.03.96
	Madrid (Spagna)	27.09.16
	† Madrid (Spagna)	07.07.81
P Romero Benito (MEM) a. 68	* León (Messico)	21.03.13
	Ayagualo (Messico)	12.12.39
	San Salvador (El Salvador)	28.10.51
	† Puebla (Messico)	22.02.81
L Scharfl Josef (GEM) a. 71	* Balkham (Germania)	22.01.10
	Ensdorf (Germania)	15.08.29
	† Buxheim (Germania)	10.11.81
L Schnabl Johann (AUS) a. 54	* Rabenstein (Austria)	07.10.28
	Oberthalheim (Austria)	12.11.50
	† Wien (Austria)	18.11.81
P Scianca Sebastián (ACO) a. 75	* S. Cristóbal (S. Fe - Argentina)	04.12.06
	Bernal (Argentina)	21.01.26
	Córdoba (Argentina)	02.12.34
	† Alta Gracia (Argentina)	21.10.81
P Simeone Ralph (SUE) a. 60	* Kensington (U.S.A.)	17.08.21
	Castelnuovo D. Bosco (Asti)	16.08.41
	Bollengo (Torino)	02.07.50
	† Newton (U.S.A.)	19.10.81
L Spandri Angelo (BCG) a. 70	* Cortenova (Como)	11.04.11
	Villa Moglia (Torino)	12.09.35
	† Guiratinga (Brasile) ✓	01.11.81
P Soltys André (BCG) a. 82	* Mokroluh (Cecoslovacchia)	28.07.99
	Radna (Jugoslavia)	13.08.27
	Torino	07.07.35
	† Campo Grande (Brasile) ✗ ✓	04.10.81
P Stefani Antonio (IVO) a. 75	* Tezze Valsugana (Trento)	11.11.06
	Este (Padova)	12.09.27
	Torino	04.07.37
	† Tezze Valsugana (Trento)	29.05.81
P Szepesi Jenő (UNG) a. 69	* Csongrád (Ungheria)	25.05.12
	Szentkereszt (Ungheria)	22.10.33
	Esztergom (Ungheria)	23.06.40
	† Budapest (Ungheria)	15.11.81
P Trampus Eduardo (VEN) a. 69	* Dob (Austria)	15.03.12
	Radna (Jugoslavia)	12.09.32
	Caracas (Venezuela)	09.08.42
	† Los Teques (Venezuela)	04.08.81
L Vargas Ernesto (MEM) a. 53	* México (Messico)	23.06.28
	Coacalco (Messico)	16.08.59
	† México (Messico)	29.08.81

P Vighetti Annibale (ILT) a. 69	* Bussoleno (Torino)	04.10.12
	Villa Moglia (Torino)	12.09.34
	Roma	09.06.40
	† Firenze	26.10.81
L Zollbrecht Johannes (GEM) a. 81	* Glonn (Germania)	29.04.00
	Ensdorf (Germania)	15.08.28
	† Kempten (Germania)	20.09.81

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Caixa Postal 30.439
Fone: (011) 279-1211 (PABX)
Telex: (011) 32431 ESPS BR
SÃO PAULO